



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**IVO ALEXANDRE DO NASCIMENTO MONTEIRO**

**O contributo da EMRC na construção de uma vida com sentido nos jovens.**

Uma proposta baseada na Dignidade da Vida Humana U.L.1 do 9.º ano de EMRC

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**

**Professora Doutora Cristina Sá Carvalho**

**Professor Doutor José Nunes**

**Lisboa**  
**2022**

Louvo ao Senhor, com todo o meu coração, por todas as maravilhas!

À minha esposa Marina e aos meus filhos Simão, Tiago, José e Manuel por todo o suporte físico e emocional em todos os momentos que estive ausente...

Aos meus pais por tudo aquilo que eu sou.

Dedico este trabalho, em especial, ao Padre Carlos Rosmaninho (Frei Bruno de Santa Maria), por toda a amizade e oração.

*“Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e - tanto faz se é real ou não a sua presença (...) O amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Percebo agora a redenção pelo amor e no amor!”*

Viktor Frankl<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Viktor Frankl, *Um Homem Em Busca de Sentido* (Lisboa: Lua de Papel, 2019), 31.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, aos professores orientadores José Nunes e Cristina Sá Carvalho pelo testemunho e disponibilidade, aos professores Alfredo Teixeira e Juan Ambrósio pelo incentivo e pelo exemplo, foram sempre uma inspiração constante e aos restantes professores da UCP.

Presto um enorme agradecimento à professora cooperante Margarida Portugal e ao Agrupamento de Escolas Monte da Lua, em Sintra, pela forma como nos acolheram, e a todos os meus alunos. Agradeço à minha colega de núcleo de estágio, Elisabete Almendra, pelo seu testemunho e companheirismo

Agradeço também aos meus colegas de Mestrado, por todas as partilhas e incentivos ao meu amigo Dimas Pedrinho por lançar a rede, ao meu amigo José Rocha pelo apoio na revisão de todo o trabalho e à minha equipa da Academia João Paulo II, por todas as vezes que “seguraram o barco”.

E a tantas outras pessoas e organizações por onde tenho passado, sem as quais o sentido da minha vida não seria certamente o mesmo.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	3
ÍNDICE .....	4
RESUMO .....	5
ABSTRACT .....	6
INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO 1 – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	11
1.1. GESTÃO DO PROGRAMA.....	11
1.1.1. Explicitação do processo de gestão do programa.....	17
1.1.2. Descrição geral do comportamento dos alunos .....	19
1.1.3. Estratégias de gestão de sala de aula e de transmissão de conteúdos.....	19
1.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA .....	20
1.2.1. Alunos que requerem uma atenção excecional .....	23
1.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA .....	24
1.4. LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA.....	25
1.4.1. Introdução à unidade letiva .....	26
1.4.2. Interesse pedagógico .....	26
1.5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PES .....	28
1.5.1. A lecionação da UL: planificação de nível IV .....	34
1.5.1.1. Aula 2 – A vida humana, um valor a defender .....	34
1.5.2.2. Aula 3 – Os grupos minoritários .....	36
1.5.2.3. Aula 4 – O Bom Samaritano .....	37
1.5.2.4. Aula 5 – As atitudes promotoras da Dignidade Humana.....	39
1.5.2.5. Aula 6 – O início da vida .....	41
1.5.2.6. Aula 7 – Atitudes promotoras da Dignidade Humana .....	42
1.5.2.7. Aula 8 – A Eutanásia .....	44
1.5.2.8. Aula 9 – Revisões .....	45
1.6. CONCLUSÕES SOBRE A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 1.....	47
CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO SOBRE A DIGNIDADE E O SENTIDO DA VIDA .....	50
2.1. PERSPECTIVA GERAL .....	50
2.2.1 O conceito de dignidade no Magistério da Igreja .....	54
2.2.2 A dignidade na UL.1 do 9.º ano de EMRC à luz da parábola do “Bom Samaritano” .....	56
2.2.3. A educação como proposta de uma vida com sentido segundo Viktor Frankl .....	60
CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA .....	66
3.1. IDENTIDADE DA DISCIPLINA DE EMRC .....	67
3.2. FINALIDADE DA DISCIPLINA DE EMRC .....	68
3.3. DESAFIOS PARA A DISCIPLINA DE EMRC .....	70
3.4. PROPOSTA DE ATIVIDADE “APROXIMAR”.....	71
3.4.1 Planificação do Espaço “APROXIMAR” .....	72
3.4.2 O Espaço “APROXIMAR” e a programa do 9º ano de EMRC .....	74
CONCLUSÃO .....	76
BIBLIOGRAFIA.....	79

## RESUMO

O presente estudo propõe um itinerário sobre a temática da Dignidade da vida humana. Este tema está bastante presente no programa da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica. Quais são os desafios que se colocam hoje na educação? Qual o papel da disciplina de EMRC na escola? Como é que a disciplina ajuda os jovens a refletir sobre o sentido da vida? Estas questões sempre me interpelaram enquanto docente de EMRC. Qual o meu papel como professor desta disciplina? Que metodologias devo aplicar nas minhas aulas? Estas e outras questões pretendo responder ao longo deste estudo.

Este relatório divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, faço uma reflexão sobre a prática de ensino supervisionada (PES). Inicialmente reflito sobre o agrupamento de escolas Monte da Lua, em Sintra e o seu contexto, o projeto educativo da escola e a turma que lecionei. Posteriormente apresento a minha experiência de lecionação no núcleo de estágio na Escola D, Fernando II. No segundo capítulo, apresento uma reflexão sobre a dignidade da vida humana e o sentido da vida como proposta educativa refletindo sobre o testemunho de Viktor Frankl. No terceiro capítulo, faço uma reflexão sobre as finalidades e princípios da disciplina de EMRC e apresento uma proposta com vista a promover nos jovens uma vida com sentido.

**Palavras-chave:** Educação; Vida; Dignidade; Sentido da Vida; Prática de Ensino Supervisionada; Educação Moral e Religiosa Católica.

## **ABSTRACT**

This study proposes an itinerary on the theme of the Dignity of human life. This theme is very present in the program of the discipline of Catholic Religious Moral Education. What are the challenges facing education today? What is the role of EMRC discipline in school? How does discipline help young people reflect on the meaning of life? These questions have always appealed to me as an EMRC teacher. What is my role as a teacher of this discipline? What methodologies should I apply in my classes? These and other questions I intend to answer throughout this study.

This report is divided into three chapters. In the first chapter, I reflect on the practice of supervised teaching. Initially I reflect on the grouping of Monte da Lua schools in Sintra and its context, the educational project of the school and the class I taught. Later I present my experience of teaching in the internship center at School D, Fernando II. In the second chapter, I present a reflection on the dignity of human life and the meaning of life as an educational proposal reflecting on the testimony of Viktor Frankl. In the third chapter, I reflect on the purposes and principles of the discipline of EMRC and present a proposal with a view to promoting a meaningful life in young people.

**Keywords:** Education; Life; Dignity; Meaning of Life; Supervised Teaching Practice; Catholic Moral and Religious Education.

## INTRODUÇÃO

A vida só tem sentido com uma base sólida que sirva de suporte e de amparo. A minha vida desde os primeiros segundos foi sempre marcada por um autêntico milagre. Eu nasci no ano de 1979 com cerca de 24 semanas de gestação, um quilo e quatrocentos gramas de peso e 40 centímetros de comprimento, nasci bastante prematuro, com vários problemas respiratórios e com algumas malformações congénitas. Eu partilho isto, não com algum tipo de lamento, mas sim como forma de agradecimento por tudo aquilo que eu sou hoje. No dia do meu nascimento eu fui batizado pelo médico que tinha efetuado o parto e até hoje eu senti que aquele episódio tinha marcado a minha vida para sempre, porque, para mim, a minha vida é uma bênção de Deus e o ter sido logo batizado por uma pessoa de fé, imprime em mim um sentido de pertença a algo maior que foi conduzindo sempre a minha vida.

Este sentido de pertença sempre fez com que interrogasse muitas coisas relacionadas com a fé, principalmente porque, durante algum tempo, questioneei se o meu batismo teria sido ou não um batismo válido, visto que o mesmo não tinha sido celebrado numa igreja por um sacerdote como todos os meus amigos e familiares. Esta dúvida permaneceu e fez-me pensar muitas vezes no papel da Igreja e dos sacerdotes. Só aos 18 anos, em 1998, no final do secundário é que me converti e comecei a frequentar assiduamente a Igreja Católica e a partir desse momento o sentido da minha vida foi ficando cada vez mais claro, comecei a estudar alguns textos e a conhecer algumas histórias de santos. Fui acompanhado pelo sacerdote da minha paróquia inserindo-me cada vez mais na vida da comunidade participando ativamente em vários grupos.

A minha primeira experiência de lecionação em EMRC foi precisamente no mesmo ano, em 1998, a convite do meu pároco. Comecei a lecionar numa escola do 1.º ciclo da minha cidade. Foi uma experiência muito gratificante, porque eu queria transmitir às crianças tudo aquilo que eu estava a viver como recém-convertido do catolicismo. Neste primeiro percurso fui acompanhado por excelentes professoras que me acolheram muito bem e me proporcionaram várias ferramentas pedagógicas para, de uma melhor forma, transmitir às crianças os meus ensinamentos.

Com as aulas de EMRC comecei a desenvolver um enorme sentido missionário, tinha muita vontade de anunciar a todas as pessoas o evangelho de Jesus Cristo e comecei a fazer algumas missões em algumas paróquias das zonas rurais da minha vigararia e com alguns amigos em algumas zonas do Alentejo também. Tudo aconteceu muito rapidamente e eu estava a viver um misto de emoções.

Nesse mesmo ano eu entrei em Engenharia Informática, em Leiria, e, por incrível que pareça, fui morar em frente ao Seminário de Leiria e comecei a frequentar alguns grupos ligados à capelania da faculdade e frequentei também o Seminário de Leiria onde ia à missa e era acompanhado pelo reitor.

A minha história de vida, como todas as outras é preenchida por vários momentos e eu estou a fazer esta partilha para enquadrar o meu percurso até aos dias de hoje, porque acredito que tudo tem um sentido por mais voltas que a vida possa dar. No ano letivo seguinte desisti do curso de Engenharia Informática e entrei no Seminário Maior de S. Paulo, em Almada, e comecei a frequentar o curso de Teologia. Estive a discernir a minha vocação no seminário alguns meses e depois, fora do seminário continuei o curso de Teologia, porque, apesar de não ser sacerdote poderia continuar nas escolas a desenvolver o meu sentido de missão evangelizadora. Sempre pensei que no final do curso fosse lecionar EMRC, como muitos outros colegas, no entanto, no final do curso o meu pároco convidou-me a ingressar num outro projeto onde estive cerca de 17 anos.

Ao longo deste tempo sempre senti que gostava de lecionar EMRC, não sei bem porquê, mas eu sempre senti que poderia contribuir de alguma forma para a educação dos jovens no ensino. O trabalho que estava a desenvolver era um trabalho de coordenação pedagógica onde, em grande parte tinha de desenvolver projetos de liderança e de gestão quer de adultos, quer dos tempos livres das crianças e sempre tive a perceção que o meu percurso deveria de ser outro.

Após ter realizado todo um percurso académico ligado às ciências da educação, decidi que deveria de voltar às ciências teológicas e inscrevi-me no mestrado em ciências religiosas e voltei a lecionar, após tantos anos, a disciplina de EMRC.

Neste relatório final de estágio pretendo mostrar como correu a prática de ensino supervisionada e pretendo analisar o contributo da disciplina de EMRC no sentido da vida dos jovens. Este processo não tem sido muito fácil, mas acredito que como afirmou a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) «no projeto de Deus, os humanos são seres em relação, como a experiência existencial testemunha», surge, portanto, «uma saudável tensão entre o desenvolvimento pessoal harmonioso e a crescente abertura à comunidade»<sup>2</sup>. Acredito que na educação religiosa o professor

---

<sup>2</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Direito e dever- missão nobre ao serviço de todos», (Lisboa: SGCEP, 2002), acessado a 1 de maio de 2021, <https://www.educris.com/v3/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>,



ensina muitas vezes pelo que acredita e faz e não só pelo que diz. É um testemunho constante e, neste sentido, acredito que a disciplina de EMRC dá esse contributo nas escolas. Diz-nos a CEP que “a educação integral é o corolário legítimo da dignidade humana”.<sup>3</sup>

A minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) iniciou-se no Agrupamento de Escolas Monte da Lua, em Sintra com a orientação da professora cooperante Margarida Portugal. Numa primeira reunião ficou definido que eu iria lecionar aos alunos do 9.º ano de escolaridade as duas primeiras unidades letivas, Dignidade da vida humana e Mistério de Deus. A partir desse instante senti a necessidade de aprofundar mais sobre o programa do 9.º de EMRC, procurei verificar quais são as metas e os objetivos, quais são as aprendizagens essenciais<sup>4</sup> para esse ano de escolaridade para poder planificar da melhor forma as minhas aulas.

Ao analisar todos os documentos fui interpelado logo pela primeira unidade letiva, porque, como já referi anteriormente, o tema do valor da vida e da dignidade da vida sempre foram bastante marcantes para mim. Ao mesmo tempo como professor de EMRC num mundo multicultural, sempre senti que tinha uma enorme responsabilidade de, ao mesmo tempo cultivar os meus alunos religiosamente, como também de lhes transmitir ensinamentos que lhes possam enriquecer como pessoas, contribuindo para o desenvolvimento integral de cada um como seres humanos que respeitem a dignidade do próximo e que façam da vida uma vida com sentido.

No primeiro capítulo deste relatório irei relatar como se desenvolveu a minha prática de ensino supervisionada, através da caracterização da escola e da turma e da análise e respetiva avaliação de todo o caminho realizado na escola e na sala de aula. Neste capítulo apresento a Unidade Letiva 1 do 9.º ano, lecionada na Escola D. Fernando II, sobre a “Dignidade da vida humana”. Onde irei realizar uma análise detalhada da lecionação efetuada e das respetivas planificações como também uma análise da pertinência desta unidade letiva no ensino do 9.º ano de escolaridade

No segundo capítulo faço uma análise do tema deste relatório, o contributo da EMRC na construção de uma vida digna, com sentido nos jovens do 9.º ano de escolaridade. No qual procuro apresentar uma definição de dignidade e apresento o sentido da vida à luz da experiência do psicólogo Viktor Frankl.

---

<sup>3</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Direito e dever ...», 30.

<sup>4</sup> Ministério da Educação/Direção Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais EMRC Articulação com o Perfil dos alunos, 9º ano de escolaridade», consultado a 1/10/2019  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_9a.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_9a.pdf)

No terceiro capítulo faço uma proposta pedagógica que sai da sala de aula com a finalidade de ser aplicada numa escola onde toda a comunidade educativa está ao serviço no desenvolvimento de um espaço diferenciado para todos alunos da escola. O objetivo deste espaço é promover na comunidade educativa e nos alunos um “espaço de encontro” com o seu próximo no qual todos poderão ser intervenientes. Um espaço planificado de acordo com o programa do 9º ano de EMRC onde cada um poderá ser confrontado com vários aspetos da vida e que os mesmos os façam questionar para o sentido da mesma e para o valor primordial que a vida tem em cada um de nós.

## CAPÍTULO 1 – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

### 1.1. GESTÃO DO PROGRAMA

Como proposta educativa da pessoa, a EMRC através do seu programa e das atividades propostas pelo professor, colabora no desenvolvimento da personalidade, na formação do carácter, preparando o aluno para um pensamento reflexivo e consciente sobre os valores espirituais, culturais e morais. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica surge da necessidade deste desenvolvimento multidimensional do ser humano, como refere Bento XVI:

A dimensão religiosa não é uma superestrutura; ela é parte integrante da pessoa, desde a primeiríssima infância; é abertura fundamental à alteridade e ao mistério que preside a cada relação e a cada encontro entre os seres humanos. A dimensão religiosa torna o homem mais homem.<sup>5</sup>

Neste sentido, nesta disciplina a dimensão religiosa é “trabalhada” com os alunos a partir de uma chave hermenêutica concreta, a chave do catolicismo

Também de acordo com Ambrósio:

O objetivo fundamental de toda a educação é a personalização dos educandos [...] não pode ser simplesmente transmitir informação, por muito selecionada e estratégica que esta possa ser” [...] A pessoa do educando e a sua personalização têm de ocupar o lugar mais importante em todo o processo educativo. A escola tem de ser pensada e construída à volta da pessoa e da sua formação integral.<sup>6</sup>

A disciplina de EMRC faz sentido na escola porque educa a dimensão religiosa na vida da pessoa em conjunto com todas as outras dimensões já referidas anteriormente. Segundo o mesmo autor:

As diferentes áreas do ensino devem ter como objetivo a função de mostrar perspectivas de interpretação da realidade circundante. A este nível, um profundo respeito pela liberdade dos alunos implica a obrigação de proporcionar-lhes todas as perspectivas possíveis, não só

---

<sup>5</sup> Bento XVI, «Discurso aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas» (Roma, 25 de abril de 2009), pp 2,3, acessado a 24 de janeiro de 2020, [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090425\\_insegnanti-religione.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html).

<sup>6</sup> Juan Ambrósio, «As Religiões na Escola, Gerações e Valores Estudos, Revista Portuguesa de Ciência das Religiões, Ano I, nº 2 (2002): 60, acessado a 20 de junho de 2020. <https://core.ac.uk/download/pdf/233630046.pdf>

as científicas e históricas, mas também as estéticas, as filosóficas, as éticas e as religiosas, com a finalidade de poder facilitar-lhes a construção da sua própria cosmovisão e do seu projeto de vida, como contributos essenciais para a sua personalização [...]Ao trabalhar a dimensão do transcendente, como proposta clara de um processo personalizador, a EMRC contribui especificamente para que a escola possa realizar a sua missão.<sup>7</sup>

Este relatório nasce no contexto da prática de ensino supervisionada (PES), na Escola D. Fernando II, em Sintra, no ano letivo 2019/2020, na turma D do 9.º ano. As aulas da Unidade letiva 1 (UL1) *Dignidade da Pessoa Humana* e as aulas da UL2 *Deus, o grande Mistério* foram lecionadas por mim nos dois primeiros períodos do ano letivo.

A gestão realizada partiu da articulação entre as Aprendizagens essenciais – Metas – Objetivos – Conteúdos. A partir das metas ficaram definidos os conhecimentos e as capacidades que os alunos deveriam adquirir neste ano de escolaridade, no conjunto dos três domínios: religião e experiência religiosa; cultura cristã e visão cristã da vida; ética e moral. Verifiquei que uma meta pode traduzir-se num único ou vários objetivos, da mesma forma que um objetivo pode servir mais do que uma meta e que a cada objetivo corresponde um conjunto articulado de conteúdos. Tive em conta a orientação de que todos os objetivos devem estar compreendidos na leção da respetiva UL.

Na elaboração das planificações procurei ter em conta o conhecimento da turma e dos alunos, adaptei a leção tanto aos objetivos e conteúdos como aos alunos. Para Dimas Pedrinho, o docente de EMRC deve possuir «competências técnicas de modo a planificar com rigor os conteúdos do programa; competências pedagógicas em que o ensino deve ser centrado no aluno e a partir dele» em que o professor caminha com o aluno, diferenciando estratégias de acordo com as vivências destes. São competências “humanas” em que o docente estabelece relações de proximidade, revelando solidariedade para com as situações vividas pelo aluno, transmitindo-lhe confiança e segurança; «competências cristãs em que o professor propõe Cristo como modelo.»<sup>8</sup>

Assim, tive em consideração as seguintes etapas de acordo com o Programa: Os quatro níveis de Planificação (anual, trimestral, de UL e de aula), considerei os objetivos e conteúdos e procurei as estratégias de ensino que melhor servem os objetivos na situação de cada turma; Determinei a construção dos materiais pedagógicos adequados, a partir do desenvolvimento oferecido pelo manual,

---

<sup>7</sup> Ambrósio, «As Religiões na Escola», 61,62.

<sup>8</sup> Dimas Pedrinho, «Competência científica e competência educativa do professor de Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 21/22 (2011-2012), 30-31.

numa lógica de individualização do ensino, para cada aula, para a lecionação e para a avaliação das várias etapas do processo de gestão.

Procurei que os modelos de ensino adotados fossem centrados no aluno, tendo em conta a natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das metas. As metas do programa da disciplina de EMRC têm: «Como referência maior, a configuração de cada homem e mulher, que são os nossos alunos como seres humanos integrais, pois na medida em que o forem estarão a caminhar para a configuração total com o Mestre.»<sup>9</sup>

A lecionação da disciplina e, concretamente da UL, contribui para melhorar o desempenho escolar dos alunos e desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro.

De acordo com o programa:

Atendendo à natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das Metas que estes concretizam, desde a etapa inicial de construção desta disciplina se tem considerado que a lecionação cumpre melhor os Objetivos propostos quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos, já que, através destes, se pode agir para melhorar o desempenho escolar, desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro.<sup>10</sup>

Neste sentido, tive em conta a aprendizagem cooperativa através de trabalhos de grupo, procurando a relação entre os alunos e aceitando outros pontos de vista, promovendo sentimentos de respeito e cuidado pelos outros. Em várias ocasiões, foi proporcionada a discussão de determinados temas em sala de aula, nalguns casos, também, optou-se por modelos de ensino mais expositivos e centrados no professor. O programa refere que:

A aprendizagem cooperativa – a investigação realizada em grupo – favorece o comportamento cooperativo e reduz a tensão competitiva dos alunos, mesmo em ambientes interétnicos. A sinergia criada – estar ligado a alguém – gera mais motivação para aprender do que os ambientes competitivos e a motivação é mais intrínseca (desejo de saber). A cooperação também aumenta os sentimentos positivos em face do outro, reduzindo a alienação e o isolamento, construindo relações e providenciando perspetivas afirmativas de outras pessoas.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Sá Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.*, (Lisboa: SNEC, 2014), 5.

<sup>10</sup> Sá Carvalho et al., *Programa EMRC 2014*, 157.

<sup>11</sup> Sá Carvalho et al., *Programa EMRC 2014*, 157-58

Durante a experiência de lecionação, de forma geral, os alunos manifestaram grande interesse pelos temas tratados nas aulas. Não pude deixar de verificar que, sobretudo nas temáticas mais diretamente relacionadas com a dimensão religiosa, senti alguma dificuldade em desenvolver estes temas em sala de aula, porque verifiquei uma iliteracia muito grande, na maior parte dos alunos, no que se refere às religiões. Pude constatar, portanto, que é necessário o uso de uma linguagem adequada à realidade dos alunos que temos à frente, ainda mais numa disciplina como a de EMRC.

Neste sentido, o Programa da disciplina apresenta-nos uma citação do Papa João Paulo II que nos faz um convite:

Convido particularmente os docentes de religião a não diminuírem o carácter formativo do seu ensino e a desenvolverem face aos alunos uma relação educativa rica de amizade e de diálogo capaz de suscitar no mais amplo número de alunos, mesmo que não explicitamente crentes, o interesse e a atenção pela disciplina que apoia e motiva a sua procura apaixonada da verdade.<sup>12</sup>

Na minha opinião o professor deve procurar que haja coerência entre o que transmite e a sua vivência pessoal, e deste modo, nas aulas promovi sempre abertura para as questões dando testemunho pessoal em diferentes situações.

De acordo com D. Tomás Nunes,

O professor de EMRC, deve possuir alguns requisitos próprios decorrentes da natureza da disciplina de EMRC, elencados pela Conferência Episcopal Portuguesa, que são os seguintes:

1.º **Personalidade Humana:** o docente deve possuir equilíbrio humano; maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sociocultural, abertura de espírito universal, postura cívica e ética.

2.º **Personalidade Docente:** propensão para a educação e o ensino, aptidão científica (teológica, didática e pedagógica) e profissional, compromisso na aquisição de formação permanente, disponibilidade para assumir responsabilidades na comunidade educativa, abertura ao estabelecimento de redes com as famílias e a comunidade envolvente; capacidade de liderança ("guia com autoridade").

---

<sup>12</sup> Sá Carvalho et al., *Programa EMRC 2014*, 163. Citação de João Paulo II, Discurso aos participantes no Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública, 15 abril de 1991, 4 e 5.

3.º **Personalidade Crente:** ter uma fé comprometida, ser testemunho de coerência e integridade de vida, possuir clareza e objetividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja e capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais, capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida.<sup>13</sup>

Em relação às competências humanas, o professor deve ter um olhar atento e a escuta ativa, deve ter a capacidade de diálogo entre as diferentes pessoas e os diferentes saberes e de aproximação de modo a otimizar a relação de proximidade entre professor e alunos. As competências cristãs devem ser pautadas por uma vivência pessoal da interioridade e pela colaboração ativa com a comunidade eclesial de uma forma comprometida fazendo a ligação entre a escola e a comunidade.

O professor deve possuir competências científicas fundamentadas nas ciências da educação, da moral e da religião dominando os conteúdos teológicos assentes nas escrituras e nos textos do magistério que permitam construir o conhecimento a partir de ideias, experiências passadas e valores dos alunos, dando importância à dimensão social da aprendizagem. Relativamente às capacidades pedagógicas, deve ser capaz de ensinar por competências, criando situações adequadas e criativas. Deve saber planificar de acordo com o Programa, ajustando-o às necessidades dos alunos e deve adotar procedimentos técnico-pedagógicos que promovam o ensino centrado no aluno e a partir dele.

Para João Duque:

O professor de Educação Moral e Religiosa tem que ter bastantes conhecimentos e ser bastante culto do ponto de vista de áreas afins e que se cruzam com a sua disciplina, nomeadamente História, Filosofia e às vezes Ciências, tem que saber o suficiente para conversar, debater e até contestar se for o caso com os seus colegas dessas áreas. Invocar que é só convicção religiosa não é suficiente, há questões que são científicas e podem ser debatidas cientificamente e isso implica preparação e leitura, que é um trabalho intelectual exigente.<sup>14</sup>

Atualmente assistimos a grandes questões fundamentais para a pessoa, existe uma enorme crise existencial, o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii gaudium* refere que:

A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criámos novos ídolos. [...]

---

<sup>13</sup> Tomaz Nunes, «*O perfil do docente de EMRC*» Fórum de EMRC, Fundação Secretariado Nacional para a Educação Cristã, (2005): 87.

<sup>14</sup> João Duque «*Ensino religioso na escola*». Do Clique ao Toque, Braga *acedido a 1 de julho de 2020*, <http://www.educris.com/v2/emrc/6622-braga-do-clique-ao-toque-reflete-sobre-ensino-religioso-na-escola>

A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo. Numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais. (55/61)<sup>15</sup>

Este desequilíbrio provoca uma busca pela dimensão religiosa em realidades diferentes das instituições tradicionais como nos diz, na encíclica *Caritas in Veritate*, o Papa Bento XVI: «Sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não sabe compreender quem seja [...] os atentados à vida humana não se atenuaram ou desapareceram, pelo contrário aumentaram, desvalorizando cada vez mais a dignidade humana.»<sup>16</sup>

E por este motivo Dimas Pedrinho afirma que toda esta multiplicidade de oferta “religiosa” atribui à disciplina de EMRC grandes desafios na proposta de caminhos alternativos aos nossos alunos, em que eles, em liberdade procurem criar um mundo melhor, questionando e explorando novos campos do saber em que a dignidade humana seja o centro na busca da verdade.<sup>17</sup>

A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP)<sup>18</sup> afirma que A disciplina de EMRC tem, portanto, um alcance cultural e um claro valor educativo perante uma escola e uma sociedade com:

uma crescente necessidade valores hierarquizados, que pautem a vida, e uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efémera e conduz a uma sociedade vazia de sentido.

Para a CEP o papel do professor de EMRC é muito importante porque:

---

<sup>15</sup> Francisco, «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*» (Roma, 24 de novembro de 2013), acessado a 12 de setembro de 2020, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

<sup>16</sup> Bento XVI, «Carta encíclica *Caritas in veritate*», nº 78, acessado em 1 de julho de 2020, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html).

<sup>17</sup> Pedrinho, «*Competência científica...*» 28.

<sup>18</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica – um valioso contributo para a formação da personalidade”, Pastoral Catequética 5 (2006), 4. Acessado a 30 março 2022. <https://www.educris.com/v3/centrorecursos/editora-fsnc/pastoral-catequetica/3143-5-emrc-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade>



Face às dificuldades e resistências apresentadas, em muitíssimos casos o que mais leva a aderir a esta disciplina é o carisma e o profissionalismo do professor, fator que, na prática, prevalece sobre o reconhecimento do valor da disciplina para a formação dos alunos.

### **1.1.1. Explicitação do processo de gestão do programa**

Para a lecionação da UL1 optei, em conjunto com a professora cooperante, por repartir os seus conteúdos em oito aulas, as quais decorreram no 1.º período do ano letivo 2019/ 2020, conforme se pode verificar nas planificações<sup>19</sup> de nível 1 e 2. A determinação do número de aulas a lecionar na PES resultou da leitura e reflexão atenta dos conteúdos da UL 1 do 9.º ano, bem como das metas e objetivos a alcançar, conforme previsto no programa. Nestas aulas, procedemos a algumas adequações das planificações que pareceram necessárias e mais ajustadas quer de acordo com o programa quer de acordo com o envolvimento da turma.

Ao longo desta unidade, pretendi construir nos alunos a ideia de que o valor cristão da vida de cada pessoa, é um valor primordial e cada ser humano é um ser vivo com dignidade.

Face ao exposto anteriormente, irei descrever as propostas de lecionação planificadas que foram implementadas na PES, onde faço referência, como foi referido anteriormente, às aprendizagens essenciais, estratégias, metas e objetivos a alcançar, bem como à avaliação formativa.

Na primeira aula pretendeu-se alcançar o primeiro objetivo – «Reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais» pertence à Meta Q – «Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana» e cujas aprendizagens essenciais o aluno deverá «identificar a vida como dádiva de Deus e um direito primordial». Nesta aula podemos verificar que pelo simples facto de ser humana, a pessoa goza de valor inestimável e nada altera a sua inalienável dignidade. E porque é um valor, precisa de ser cuidado.

Na segunda aula já se pretendeu atingir o segundo objetivo – «Compreender o valor da vida», o qual está inserido na Meta M – «Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano», nesta aula foram apresentados alguns testemunhos de vida promotores de dignidade humana e foi transmitido que a vida humana é um valor primordial, merece e exige o devido respeito, porque cada humano “é presença de Deus”. Os alunos têm como aprendizagens

---

<sup>19</sup> Verificar o Separador 2 do Portefólio de Prática de Ensino Supervisionada.

essenciais o «reconhecer a vida como inviolável, todas as ações devem ser orientadas pelo princípio da dignidade da pessoa humana».

Na aula seguinte pretendeu-se alcançar o terceiro objetivo – «Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em *desvantagem social*», este objetivo também pertence à Meta M. Nesta aula pretendemos mostrar aos alunos que devemos promover o valor da dignidade humana e atuar contra todos os tipos de discriminações. As aprendizagens essenciais devem «perceber criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários e em desvantagem social onde a dignidade da vida humana se encontra ameaçada».

Na quarta aula temos como objetivo - «Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana», inserido na Meta E – «Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo» onde poderemos ver que se deve estar atento aqueles que mais precisam de nós. É preciso cuidar do outro, seja ele quem for, sem qualquer limite. As aprendizagens essenciais neste ponto indicam que «o aluno deve compreender o núcleo central do cristianismo que assume o humano como Imagem e Semelhança de Deus».

Na aula seguinte juntámos o quarto objetivo – «Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana», pertencente à Meta Q e o sexto objetivo - «Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana» inserido na Meta M e iremos podemos concluir que promover a dignidade humana é respeitar o próximo e denunciar os atentados à vida participando na sua defesa. É essencial praticar os valores éticos: Respeito, Tolerância, Diálogo, Solidariedade, Dedicção e Justiça.

Moita diz-nos que «Educar é receber os conhecimentos de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projetar o futuro pessoal e social» A fé não está afastada da ciência, como nos aponta a meta L – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. Por isso, ao longo de quatro aulas, tratamos, por fim, o 7.º objetivo - Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspectiva da Igreja. Nestas aulas falei de questões relacionadas com o início da vida, a fecundação, o aborto, a eutanásia e a dignidade da pessoa humana na doença e na velhice.

Pretendia transmitir aos alunos que a beleza da vida humana é um valor a garantir e a preservar desde a fecundação. Vimos que realizar um aborto voluntário é atentar contra a vida do ser humano e concluir que a vida é valiosa e todos podemos opor-nos à "cultura de morte".

### **1.1.2. Descrição geral do comportamento dos alunos**

A turma do 9.º D que tive o prazer e a possibilidade de acompanhar ao longo do 1.º e 2.º períodos, mostrou-se na maioria, interessada e participativa, embora, um aluno se mostrasse mais recorrentemente indisciplinado: dificuldade em cumprir com o horário de entrada nas aulas e uma necessidade constante de entabular diálogo com os colegas mas à margem do processo de ensino-aprendizagem em curso. Perante algumas propostas de trabalhos de grupo também se observou que alguns elementos da turma não cumpriram totalmente o que tinha sido proposto. Assim, verifiquei que o professor tem de criar estratégias alternativas, que sejam eficazes, de modo a tornar mais apelativo o trabalho a realizar. Também se verificou estar instalada uma cultura em que os alunos não traziam nem o livro nem tinham um caderno para a disciplina de EMRC. Em relação à assiduidade, a grande maioria dos alunos estiveram presentes em todas as aulas. Optei sempre por construir um *Powerpoint*, pois o uso deste tipo de ferramentas auxiliou-se bastante na condução das aulas e na organização dos diferentes tempos.

### **1.1.3. Estratégias de gestão de sala de aula e de transmissão de conteúdos**

Este processo foi para mim um processo bastante enriquecedor, porque eu tinha muito pouca experiência na gestão de sala de aula. Nos últimos anos tinha orientado algumas formações, mas os meus formandos eram normalmente adultos e comecei a PES muito “formatado” para uma aula mais expositiva, essa foi uma das minhas grandes dificuldades durante o estágio. A partir do núcleo de trabalho fomos sendo ajudados a salientar o melhor e a corrigir as dificuldades, aferindo e corrigindo algumas situações. Ao longo deste processo fui adquirindo cada vez mais a noção que uma das funções essenciais do professor é a gestão de todo o processo de ensino-aprendizagem que decorre no período letivo à sua responsabilidade deste modo ao longo da PES fomos registando e planificando toda gestão do mesmo.

Em todas as aulas tive o cuidado de ir estabelecendo com os alunos uma maior relação de confiança, nomeadamente logo no acolhimento. Apesar da minha aula começar às 8.00, tentei sempre, de um modo alegre e cordial, perguntar-lhes como estavam, como estavam a correr as outras aulas e avaliações: de certo modo, sempre foi a minha intenção dar-lhes as boas-vindas para se sentirem mais integrados e para eu me sentir também mais integrado no grupo.

Ao longo das aulas não consegui desviar-me muito do método expositivo. No entanto julgo que, gradualmente, fui aprendendo a gerir a minha ação de modo a poder incluir mais os alunos em todo o processo de ensino-aprendizagem. Com o passar das semanas este processo tornou-se mais

fácil. No final de cada aula também tinha alguma dificuldade na elaboração da síntese, em parte, devido ao facto de que, na maioria das aulas a síntese já estar a ser feita muito em cima do final das aulas e os alunos já não estavam com muita atenção.

Nas planificações de nível IV elaboradas estão presentes todas as estratégias adotadas. Como já tinha referido anteriormente, utilizamos o *PowerPoint* como suporte para me ajudar na comunicação de todos os conteúdos a lecionar. No *PowerPoint* coloquei sempre várias imagens, frases, textos, referências a vídeos, músicas, entre outros recursos. Escolhi estes recursos de modo a facilitar a transmissão dos conteúdos, tentei escolher materiais apelativos que captassem a atenção dos alunos e que lhes facilitasse a assimilação dos conteúdos.

## **1.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A presente caracterização teve como objetivo conhecer a realidade da Escola Básica D. Fernando II, a escola onde decorreu todo o trabalho de estágio. Conhecer o contexto é uma das necessidades do professor. Este conhecimento permite adaptar-se mais eficaz e eficientemente à realidade escolar e também possibilita o desenvolvimento de um trabalho adequado, perspetivando o cumprimento dos objetivos de estágio, em conformidade com os objetivos do Projeto Educativo de Escola.

Para abordar os elementos de caracterização geral da escola são importantes as informações presentes nos documentos definidores da sua ação, acessíveis através do seu site<sup>20</sup>, onde constam: o Projeto Educativo Escolar (PEE), o Regulamento Interno e o Plano Anual de Atividades (PAA).

O Agrupamento de Escolas Monte da Lua, do qual faz parte a escola Básica de 2.º e 3.º ciclos D. Fernando II com cerca de 740 alunos, é constituído por doze estabelecimentos de educação de ensino pré-escolar, básico e secundário organizados. A sua sede encontra-se na Escola Secundária de Santa Maria, localizada na Portela de Sintra e consiste no maior agrupamento de Sintra, ao reunir no ano letivo 2019/2020 cerca de 3800 alunos.

A inserção do Agrupamento num território de eleição dominado pela serra de Sintra – Monte da Lua –, permite usufruir de uma ambiência única em termos paisagísticos e culturais que se traduz numa enorme diversidade de cenários naturais e humanizados, de uma riqueza de património histórico-arquitetónico inestimável e de uma envolvente microclimática muito específica. Esta

---

<sup>20</sup>Agrupamento de Escolas Monte da Lua. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia 2018-2021. Sintra: Agrupamento de Escolas Monte da Lua, 2019. Acedido a 20 de dezembro de 2019. <http://www.agml.pt/index.php>.

envolvência contribui para que este espaço privilegiado seja catalisador na construção de valores éticos e estéticos.

«Monte da Lua» foi um termo criado por autores romanos, mais especificamente Ptolomeu, para designar a Serra de Sintra, considerada já então como um monte sacro (*mons sacer*). Ainda segundo Varrão e Columela (outros dois autores romanos) a serra seria local de culto associado à lua e aos fenómenos lunares. Embora com o tempo esses cultos tivessem desaparecido sem deixar grandes vestígios, a designação, Monte da Lua, manteve-se no Imaginário sintrense.

O Agrupamento de Escolas Monte da Lua foi oficializado em julho de 2012, ao abrigo da legislação em vigor, sob Proposta de reordenamento da rede educativa de Sintra, do Município de Sintra, e serve as freguesias de Santa Maria e São Miguel, São Martinho, São Pedro de Penaferrim e Colares. Em termos territoriais, as freguesias do Agrupamento Monte da Lua abrangem uma área de 95 km<sup>2</sup>, que equivale a 30,2% do concelho de Sintra. Quanto ao peso demográfico, as freguesias referidas têm, segundo os Censos de 2011, 37 219 habitantes, o que corresponde a 9,9% da população residente no concelho de Sintra.

Todavia, e tendo em mente que «Todas as crianças devem frequentar a escola [e que] as escolas pertencem a todas as crianças, e todas devem ver o seu potencial de aprendizagem maximizado»<sup>21</sup>, também recebe alunos de freguesias vizinhas. Entre elas, encontramos Algueirão-Mem Martins (a cerca de 4 km), São João das Lampas (a cerca de 10 km), Terrugem (a cerca de 9 km), Pero Pinheiro (a cerca de 11 km), Montelavar (a cerca de 13 km) e Almargem do Bispo (a cerca de 13 km).

A Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos D. Fernando II, cujo nome constitui uma homenagem ao excelente legado cultural que D. Fernando II, o Rei-Artista, deixou. É o patrono da escola.

A escola D. Fernando II situa-se em Sintra, num amplo espaço verde arborizado, onde se destaca um trilho ecológico. É composta por dois edifícios de dois andares cada, um edifício provisório, construído em 2007, com duas salas pré-fabricadas, um pavilhão gimnodesportivo, dois campos de jogos, balneários e uma sala/bar de alunos. Funciona entre as 8h15 e as 18h10, acolhendo, no presente ano letivo, 25 turmas de 2.º e 3.º ciclos, num total de 516 alunos. Este ano há 7 turmas de 10.º ano a funcionar na D. Fernando II – cerca de 210 alunos, deslocados da escola sede. Sente-se um bom ambiente entre alunos, alunos e professores, professores, não docentes. É uma escola acolhedora e alegre. A biblioteca está bem equipada e tem cerca de 15 computadores onde os alunos podem

---

<sup>21</sup> Richard Arends, *Aprender a Ensinar*. (Lisboa: McGraw-Hill, 2008). 40-41.

trabalhar. No corredor entre a biblioteca, papelaria, sala de professores e bar existe sempre alguma exposição temática e vários placares com outras informações. EMRC tem um placar próprio onde as professoras da disciplina promovem as suas ações com cartazes, fotos, frases da disciplina. A disciplina de Educação Moral e Religiosa faz parte do departamento de Ciências Sociais e Humanas.

Richard Arends recorda que «[...] as escolas que dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstram uma política de equidade»<sup>22</sup>. Tal é realidade na Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclo D. Fernando II, testemunhada pela existência de uma Equipa de Manutenção dos Equipamentos e Sistemas Digitais e pela realização de atividades relacionadas com a literacia 3D e com a *Internet* segura.

Os professores estão organizados em quatro departamentos, sendo eles o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, o Departamento de Línguas, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas – no qual se encontra a EMRC – e o Departamento de Expressões.

Para além de conhecimentos gerais, promovidos em atividades como a Feira dos Minerais, o Planetário Móvel e os diversos dias comemorativos, temos uma «[...] gama de capacidades ensinadas e valorizadas, de modo a incluir os diversos tipos de inteligência»<sup>23</sup>.

A inteligência lógico-matemática é promovida por atividades como o Concurso Canguru *Matemático sem Fronteiras* e a inteligência linguística, pelo Clube de Teatro em Alemão e pela Biblioteca Escolar.

A Banda Escolar valoriza a inteligência musical, o Clube de Artes, a inteligência espacial e o Programa de Desporto Escolar, a inteligência corporal-cinestésica.

Para desenvolvimento da inteligência interpessoal, os alunos têm acesso ao Núcleo de Rádio e à Academia de Liderança, e da inteligência naturalista, ao Clube do Ambiente e ao Programa Eco escolas. Todavia, no PEE e no PAA do AEML, são encontrados poucos vestígios concretos que incluam programas que ensinem os alunos a conhecer e gerir a sua inteligência emocional e intrapessoal.

---

<sup>22</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 44

<sup>23</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 49

### 1.2.1. Alunos que requerem uma atenção excepcional

Na perspetiva de Arends, «As crianças devem ser educadas num ambiente o menos restritivo possível. Isto significa que as crianças com dificuldades devem, na medida do possível, ser incluídas em salas de aulas regulares»<sup>24</sup>, dando ênfase à inclusão como proposta integral de concretização do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com o Decreto-Lei 54 de 2018, 6 de julho,

[...] esta prioridade política vem concretizar o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responde às suas potencialidades, expetativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação no sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social<sup>25</sup>.

Neste sentido, a escola dispõe de uma equipa de vários docentes de Educação Especial, auxiliada por uma psicóloga clínica e uma psicóloga educacional, ao serviço de todo o Agrupamento. Atividades como a visita à escola Secundária de Santa Maria pelos alunos ou a *Dê uma Tampa à Indiferença* – Recolha de Tampinhas de Plástico são sinal de preocupação e um estímulo para que todos os alunos trabalhem e convivam juntos.

Também é manifesto o recurso às contribuições que as diversas culturas presentes na escola podem dar no campo das artes, da música, da literatura e da linguagem, principalmente aquelas relacionadas com o Inglês, o Francês e o Alemão. Entre várias outras, desvendamos as visitas a Templos, este ano reduzida ao templo cristão e ao *Goethe Institut*, as atividades *Oktoberfest*, *Halloween* e *Chanson de Noël* e a celebração do Dia Europeu das Línguas.

No que concerne aos casos em que é necessária uma intervenção atempada, tanto no campo académico como no campo atitudinal, existe o programa *Examinastium*, o Apoio Tutorial Específico e o Núcleo de Intervenção Disciplinar. De modo a melhor acompanhar os alunos com medidas disciplinares que apresentam sinais de agressividade e ajudá-los a alcançar os seus objetivos em vez de agirem por impulso, procede-se ao seu encaminhamento para a realização de tarefas escolares em contexto comunitário. Por outro lado, o Núcleo de Apoio ao Aluno em Risco e Perigo e o Programa

---

<sup>24</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 53

<sup>25</sup> Decreto-Lei 54/2018, de 6 de julho do Ministério da Educação. Diário da República, 1.ª Série, n.º 129 (2018). Acedido a 11 de junho de 2020, [http://dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](http://dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf)

de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde evidenciam a consciência existente relativamente à ligação entre a aprendizagem e hábitos de vida saudáveis.

Ao ler o PAA e o Plano da Ação Estratégica (PAE) é também possível destacar a importância dada ao envolvimento dos pais e da comunidade através de momentos de educação parental e de projetos relacionados com as autoridades locais. Os projetos Erasmus e Rede de Escolas UNESCO, assim como diversas exposições temáticas dos trabalhos dos alunos e a entrega de diplomas sublinham inclusivamente a ligação feita entre o desafio intelectual e atitudinal e a valorização pessoal e comunitária. Desta maneira, é possível realizar sínteses entre o saber-saber, o saber-estar e o saber-fazer. Ou seja, a colaboração da escola na construção da pessoa é incontornável e urge que o seja cada vez com mais qualidade e os seus atores se descubram fundamentais nesse processo.

### **1.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**

A escola, além de ser um espaço de saberes e experiências, é também, no que diz respeito aos alunos, uma fonte de conhecimento e de informação de hábitos, personalidades e perfis. Neste sentido é necessário que o professor conheça os alunos com que vai trabalhar, os seus hábitos, os seus meios de sociabilização, preferências, crenças, etc. Deste modo, a caracterização de uma turma permite obter dados que possibilita ao docente planificar de acordo com a realidade dos alunos nas suas diferentes dimensões: cognitiva, social e humana, contribuindo, assim, para o sucesso da sua aprendizagem. Arends<sup>26</sup> considera essencial analisar as particularidades de uma turma ou de uma escola no que concerne à cultura, etnia, raça, diversidade linguística, diferenças entre géneros, diferenças sociais, entre outras, na medida em que todos estes fatores externos interferem no processo formativo de um discente.

A turma 9.º D é constituída por vinte alunos, treze raparigas e sete rapazes. Dos 20 alunos, quinze alunos (75%) frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. As suas idades variam entre os treze e os quinze anos que, segundo Erikson, citado por Verissimo<sup>27</sup>, entre os 13 e os 21 anos podemos encontrar uma moratória psicossocial, “Terminada a infância inicia-se a adolescência com uma autêntica “revolução fisiológica”, a que acresce uma demanda de identidade entre as diferentes que se vão explorando (crise de identidade). De facto, pese embora o púbere esteja longe ainda de ser adulto, gostando mesmo de afirmar as diferenças em relação a estes, o certo é que

---

<sup>26</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 50

<sup>27</sup> Ramiro Veríssimo, «*Desenvolvimento Psicossocial (Eric Erikson)*» Psicologia Geral, (Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002), Acedido a 30 de maio de 2020 <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>



a maturidade biológica e por outro a capacidade intelectual de abstração, compelem-no para fora do mundo infantil e é nesta moratória entre dois mundos que se situa o adolescente.

No âmbito geral, a turma 9.º D é participativa; a maioria dos alunos mostra interesse e empenho, com alguma conversa à mistura. Apesar de serem assíduos precisam de melhorar a pontualidade, pelo menos por parte de alguns alunos que estão sempre a chegar depois das horas.

Na leção na turma do 9.º D é de salientar que não há registo de alunos que vivam em agregados familiares monoparentais; ou que vivam em agregados familiares em que os titulares se encontram sem qualquer fonte de rendimento. Consta-se igualmente a ausência de alunos institucionalizados.

Verifica-se assim que também nesta turma nos deparamos com um dos desafios apresentado por Arends<sup>28</sup>, neste caso, a multiculturalidade: apesar dos alunos, na sua maioria, serem todos de nacionalidade portuguesa, possuem formas de pensar e de estar diferentes.

#### **1.4. LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA**

A UL 1, “Dignidade da pessoa humana”, foi a unidade escolhida para ser trabalhada e apresentada no presente relatório e que me permitiu refletir, quer sobre o programa de EMRC, quer sobre as planificações de cada um dos professores com que colaborei, de uma forma profunda e detalhada, com os contributos de todos os elementos do núcleo, não só dos professores estagiários, mas também da professora cooperante.

Esta dinâmica de hermenêutica e gestão do programa realizada em conjunto mostrou ser muito produtiva e eficaz. Normalmente, as planificações eram apresentadas previamente, para serem analisadas e refletidas por todos, sendo que a escolha final seria feita pelo professor que iria lecionar a aula.

Ao longo da leção da UL foram surgindo as questões que estão na base do tema desta UL. Qual é o sentido da vida? Quais são os princípios da dignidade da pessoa humana? O porquê dos atentados e das discriminações? etc.

Esta constatação levou-me a procurar aprofundar mais a temática da importância da disciplina de EMRC na construção de um sentido para uma vida com dignidade.

---

<sup>28</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 10-11

### **1.4.1. Introdução à unidade letiva**

Segundo o Programa de EMRC, a unidade letiva 1, “Dignidade da vida humana”, propõe uma reflexão sobre o valor da vida humana e a sua dignidade. Com base científica apoiada na doutrina social da Igreja Católica esta é, na nossa opinião, na verdade, uma das mais importantes unidades letivas, porque orienta os alunos para uma reflexão e compreensão do valor primordial: a dignidade da vida humana, com o objetivo de transmitir os valores da partilha, da justiça e do amor. É certamente para os jovens um ponto de partida para o diálogo e a reflexão com o intuito de os desafiar a serem agentes participativos na sociedade, tendo em vista um desenvolvimento reflexivo e crítico dos alunos sobre situações várias que acontecem no quotidiano, como, por exemplo, os atentados contra grupos que estão em desvantagem social, os grupos minoritários, onde não é reconhecida a igual dignidade humana.

A vida é um dom de Deus, é um valor único que deve ser respeitado. No entanto existem muitas formas de atentar contra a dignidade humana, nomeadamente o Racismo, a Xenofobia, desrespeito pelas pessoas com necessidades especiais, pelos idosos, e pelas crianças, entre outros. É, deste modo que a UL nos apresenta uma proposta de trabalho de forma a promover nos jovens a consciência que devemos todos preservar este bem precioso que é a vida.

A UL1 mostra-nos também alguns exemplos de pessoas que deram a vida pelos outros, tendo como objetivo realçar a ideia que a vida humana apesar de ser um valor primordial não é um valor absoluto.

### **1.4.2. Interesse pedagógico**

Iniciar o ano letivo, no 3.º ciclo do ensino básico, com este tema, tem um grande interesse pedagógico, porque, nestas idades é muito importante proporcionar aos jovens valores essenciais que sejam pilares fundamentais na construção da identidade. Esta unidade letiva tem como proposta para os alunos de uma faixa etária crítica como os 13/15 anos a reflexão sobre o valor da vida. Numa perspetiva judaico-cristã, Deus é a origem da vida. Esta é entendida, deste modo, como uma dádiva e como tal, deveremos não só cuidar adequadamente da mesma, como mostrar gratidão por este dom que nos foi concedido de forma completamente gratuita. Neste sentido é essencial que em todo o percurso da lecionação haja uma fundamentação científica baseada em princípios éticos-morais bem solidificados para os mesmos sejam transmitidos aos alunos.

Nesta unidade letiva somos confrontados com temas muito sérios que promovem nos jovens momentos de confronto e de reflexão, temas como a defesa da vida, o aborto, e todas as problemáticas

envolventes, a solidão dos idosos e o que isso representa na sociedade, a solidariedade e o cuidado que devemos ter todos com o próximo são alertas que nos ajudam a promover o tema e a reflexão e neste ponto esta unidade letiva tem um enorme interesse pedagógico no percurso dos jovens. Nesta sociedade deveras agitada, os jovens nem sempre têm espaço para refletir em determinados temas, muitas vezes só quando as situações acontecem é que se reflete nelas e deste modo o Programa de EMRC salienta a importância da vida e da dignidade que a mesma tem para todos nós.

A situação pandémica atual, provocada pelo Covid-19 e as guerras tem promovido vários atentados contra a dignidade humana, várias são as desigualdades provocadas pelo poder económico ou pela ausência do mesmo, várias são, por exemplo, as crianças que estão a deixar de estudar para ter de trabalhar para ajudar no sustento das suas famílias, ou porque têm que sair do seu País, várias são as pessoas que não têm o mesmo acesso aos cuidados de saúde. Deste modo é urgente que a escola prepare os jovens ajudando-os a refletir e a fazer a distinção entre o que é mais correto ou não. E neste sentido é necessário, mais que nunca entrar em ação, fazer com que os jovens se envolvam nas grandes problemáticas da sociedade. Assim, a temática abordada na UL 1 adequa-se perfeitamente à faixa etária dos educandos do 9.º ano e tem em conta o processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e moral dos alunos.

Kohlberg, citado por Santos<sup>29</sup> definiu um conjunto de estádios de raciocínio moral, os adolescentes situam-se no estádio 3 - Orientação para a conformidade interpessoal, cuja moralidade está baseada na aprovação social. A avaliação moral da pessoa baseia-se na opinião dos que lhe são próximos e importa manter relações de confiança e lealdade, desempenhando bem os papéis estereotipados, estabelecidos pela sociedade. Neste estádio existe também a orientação para uma moralidade relacional e afetiva, pois é valorizada a ação que demonstra bons motivos e preocupação pelos outros e deste modo se entende que quando, nesta unidade, se tratam temas como o aborto e a eutanásia e se estimula uma tomada de posição, há que ter em conta que a exposição da opinião pessoal pode ser influenciada pelos pares. Há ainda que ter em conta que, conteúdos como o testemunho de vida de Gianna Beretta podem ser compreendidos de forma diferente pelos alunos, de acordo com o estádio de desenvolvimento moral em que se encontram. Apesar da complexidade dos conteúdos, julgo que a UL 1 «A Dignidade da Vida Humana» proporciona uma reflexão crítica que faz surgir várias perguntas: Qual é o meu valor enquanto pessoa? Como me relaciono com os outros?

---

<sup>29</sup> Dória Santos, «Desenvolvimento Sócio - Moral: Raciocínio dos Adolescentes Sobre o Consumo de Substâncias Ilícitas», (Lisboa, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2010) acedido a 20 abril de 2020 [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2493/1/ulfp035822\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2493/1/ulfp035822_tm.pdf)

A dignidade de cada um é respeitada na minha turma, na minha escola, na minha comunidade, no país ou no mundo em geral?

Segundo Cristina Sá Carvalho, «São os adolescentes quem constroem as concepções religiosas mais evoluídas, indo mais além dos ocasionais impulsos mágicos e animistas das crianças que resultam das influências recebidas de uma pessoa ou de um determinado grupo de referência, ou uma organização ou cultura propriamente religiosas».<sup>30</sup>

## 1.5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PES

Assim que tive a informação que iria lecionar fiquei logo bastante ansioso e satisfeito por ter sido escolhido o 9.º ano, porque pessoalmente a faixa etária do 9.º ano é uma faixa etária que estou habituado a trabalhar nos grupos de jovens e nos escuteiros nas paróquias onde tenho colaborado. Como já disse anteriormente a única experiência de lecionação tinha sido em 1998 numa turma de 1.º ciclo no Montijo e o lecionar numa escola como a D. Fernando II, em Sintra não tinha comparação possível, porque ensinar no 3.º ciclo é muito diferente de ensinar no 1.º ciclo. Neste sentido, a minha preocupação inicial foi rapidamente começar a adquirir competências para não transmitir aos alunos que não era capaz ou que era completamente inexperiente, mas sem dúvida que esta falta de experiência trouxe-me alguns desafios ao longo da PES.

No meu entender fiz bastantes progressos enquanto professor e consolidei também alguns saberes adquiridos na formação de formadores, mas não posso deixar de sentir que ainda muito tenho a aprender ainda tenho bastantes inseguranças e necessito de gerir melhor o tempo de aula. A professora Cristina Sá Carvalho ao longo da PES foi nos mostrando as diferentes fases pelas quais um professor passa, receios, medos, inseguranças até começar a ganhar confiança no seu desempenho e eu comecei por sentir, em medida, exatamente isso, tendo a consciência que ainda estou “em construção”.

Ao longo do estágio e da PES aprendi a planificar nos seus diferentes tipos: 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, e a realizar uma gestão do programa e dos conteúdos com mais eficácia. Aprendi também a produzir de uma maneira mais correta, com o apoio da professora Margarida, materiais pedagógicos de modo a concretizar da melhor maneira o processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, o papel da professora Margarida foi fulcral para a consolidação de todo o processo. Todos os materiais

---

<sup>30</sup> Cristina Sá Carvalho, «A experiência religiosa dos adolescentes». *Theologica*, 2.ª Série, 45, (2010): 420 acedido em 1 de abril de 2020 <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/2051/1976>

(*Powerpoint*) foram produzidos com a ajuda do Programa da disciplina de EMRC, do Manual e das Aprendizagens Essenciais. No entanto alguns conteúdos foram adaptados a questões relacionadas com a atualidade ou com as questões colocadas pelos alunos. Para a consolidação de conhecimentos foram usadas estratégias avaliativas diversificadas entre as quais o uso de um teste online na plataforma *Quizizz*.<sup>31</sup>

No horizonte dos modelos de ensino preconizados por Arends<sup>32</sup>, verifico que ainda utilizo a exposição e apresentação, a instrução direta e o ensino de conceitos, estas são, na minha opinião, as minhas maiores dificuldades, no entanto, graças à PES comecei a evoluir para uma aprendizagem mais cooperativa. Os modelos de aprendizagem mais centrados nos alunos são apropriados não cognitivamente, mas também emocionalmente e socialmente.

Neste sentido admito que devia de ter seguido um caminho diferente ao longo das aulas, devia de ter dado mais tempo para a participação dos alunos, sem a necessidade de querer “cumprir” na íntegra, com o que estava planificado. Poderia ter também pensado em estruturar a sala de uma maneira diferente, até sair da sala e ir para o exterior em algumas aulas poderia ter sido mais produtivo, tantas coisas que poderia ter feito que não fiz. No entanto também tentei criar outras estratégias para a lecionação dos conteúdos do programa, nomeadamente o uso da viola, de filmes e vídeos do Youtube, jogos etc.

Tenho a sensação de que, na maioria das aulas centrei um pouco a aula em mim e no meu modo de pensar os temas e isso acontecia muitas vezes sem ter totalmente a noção a plena e consciência disso. Mas para tal existem não só nos momentos de autoavaliação mas também de heteroavaliação, durante os quais fui confrontado com algumas dessas fragilidades. Daí a enorme importância desta Prática e o ser realizada com o acompanhamento de um professor cooperante e de um par pedagógico.

Ao longo da PES tive sempre a intenção de dar testemunho da minha experiência como cristão, da minha história de vida e do modo como vivo a minha prática de fé. Mantendo uma relação franca com os alunos, mostrando proximidade e estando atento às reações e atitudes de modo a poder gerir da melhor forma todo o processo de ensino aprendizagem. Tentei manter-me sempre afável, mesmo nos momentos em que nos dirigíamos a alguns alunos que estavam a perturbar a aula, sempre com a intenção de os respeitar. Neste sentido, em cada aula, tive o cuidado de promover um momento

---

<sup>31</sup> [www.quizizz.com](http://www.quizizz.com)

<sup>32</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 25.

para o acolhimento dos alunos, com vista a uma síntese e ligação à aula anterior e um momento para a motivação, onde se introduzia o tema da aula atual, normalmente acompanhado de um vídeo. No final das aulas, sempre que possível era feita uma síntese dos conteúdos abordados para a consolidação dos mesmos.

Nas aulas de autoavaliação dos alunos, normalmente no final de cada período, resultou uma opinião francamente positiva. Os alunos elegeram como estratégias mais do seu agrado os *Powerpoints*, os vídeos e as atividades de grupo.

Assim, considero que a lecionação no âmbito da PES, enquanto processo de aprendizagem e formação, permitiu o desenvolvimento de competências tanto dos alunos como minhas para o futuro.

Ao longo da PES, a professora cooperante insistiu sempre que devemos preparar as aulas o mais cedo possível, para podermos melhorar todo o processo de ensino e na maioria das vezes tive a pretensão de o fazer principalmente, porque desconhecia o programa e queria preparar-me o melhor possível. Em algumas circunstâncias em que estava com menos disponibilidade, devido a compromissos profissionais ou familiares essa preparação não foi efetuada com tanta antecedência e isso refletiu-se depois na aula.

Normalmente a planificação das aulas era efetuada uma semana antes, para poder em reunião de núcleo de estágio discutir e aferir o melhor procedimento. Nas minhas planificações tive o cuidado de registar o número e a data da aula, a unidade letiva, as aprendizagens essenciais, as metas, os objetivos, as estratégias, os recursos, a avaliação formativa e um aspeto que acho bastante importante, o sumário e a síntese de cada aula. Através da planificação tornou-se mais fácil para nós ter uma visão do que se pretendia transmitir em cada aula.

Todos os materiais pedagógicos foram escolhidos e pensados de modo a tornar o processo ensino aprendizagem mais aliciante, de modo a provocar nos alunos o efeito de querer saber mais sobre um determinado tema, ou de ajudar os alunos a compreenderem melhor aquilo que estava a ser exposto. Reconhecemos que em algumas aulas poderia ter recorrido a outro tipo de materiais ou dinâmicas julgo que isso com a experiência também se vai melhorando.

Em relação ao programa, o mesmo foi cumprido na íntegra, os conteúdos previstos nas planificações foram cumpridos plenamente, juntamente com as metas, os objetivos e as aprendizagens essenciais.

Na próxima tabela, são apontados os três Domínios de Aprendizagem, pelos quais são distribuídas as Metas Curriculares enunciadas na UL1.

<b>Domínios</b>	<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	<b>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</b>	<b>Ética e Moral</b>
<b>Metas</b>	<b>A B C D</b>	<b>E F G H I J K L</b>	<b>M N O P Q</b>
<b>UL 1 - Dignidade da Vida Humana</b>		E – Objetivo 5 L – Objetivo 7	Q – Objetivo 1 M – Objetivo 2 Objetivo 3 Q – Objetivo 4 M – Objetivo 6

**Tabela 1: Domínios e Metas da UL1. Fonte: Programa de EMRC 2014**

Após análise do programa verifiquei que a UL1 está mais centrada no domínio da Ética e na Moral; no entanto verifica-se um equilíbrio ao longo do programa do 9.º ano entre os vários domínios salientando que ao longo do percurso de EMRC o domínio mais abordado é o da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.

Na tabela seguinte verifico as finalidades definidas e o número de metas da UL1 por cada unidade letiva lecionada, concluí que o agir cristão e a importância da dignidade humana estão bem presentes na UL1.

<b>Finalidades</b>	<b>Metas</b>	<b>UL1</b>
V. Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos.	<b>E</b> – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	1
VIII. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé.	<b>L</b> – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	1
IX. Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade.	<b>M</b> – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2
X. Aprender o fundamento religioso da moral cristã.	<b>Q</b> – Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2

**Tabela 2: Finalidades e Metas da UL1 Fonte: Programa de EMRC 2014**

Todas estas finalidades para além de desenvolver o sentido religioso, particularmente o cristão, têm em vista também o desenvolvimento global da pessoa humana, a sua realização pessoal, não excluindo o diálogo a partir de saberes adquiridos noutras disciplinas, confrontando-os com os valores cristãos.

O reconhecimento da dimensão religiosa presente em cada pessoa e do fenómeno religioso existente no mundo, através das várias religiões ou espiritualidades, é a base da legitimação da disciplina na educação em meio escolar. Neste sentido constatei que os conteúdos religiosos são importantes, porque permitem uma reflexão crítica e permitem conhecer com mais detalhe uma determinada tradição e uma determinada cultura que se encontra presente na nossa sociedade.

Também verifiquei que não se pode ignorar questões relacionadas com a linguagem religiosa, é importante cultivar o vocabulário religioso, de modo a incutir no aluno uma cultura religiosa para que ele entenda a proposta das várias religiões, do mesmo modo também poderá ser cultivado um comportamento religioso, mas tendo sempre presente que esta não é a dimensão da disciplina da Educação Moral Religiosa Católica. Podemos expor o que é específico cristão, pois esta é a chave de leitura e hermenêutica a partir da qual se reflete e trabalha a dimensão religiosa nesta disciplina. A disciplina de EMRC insere-se na escola, partilhando as suas finalidades, tendo, pois, em vista a formação global do aluno, dando especial atenção à construção da sua identidade e do seu projeto de vida. Para Moita:

A EMRC ajuda a encontrar razões de existir e de estar no mundo. É um processo de educação da dimensão religiosa do ser humano, usando um vocabulário científico próprio que permite uma conceção integral e global da vida, justificando razões e relações perante questões importantes da vida, facilitando uma qualificada interpretação do mundo, através de uma apropriada hermenêutica religiosa-teológica. E isso tem, naturalmente repercussões no estilo de vida, nas atitudes, nas relações, nas escolhas profissionais e nos comportamentos.<sup>33</sup>

Por sentir a importância da disciplina e da riqueza da mesma, uma das descobertas que fiz ao longo da PES foi a necessidade de planificar os temas de modo a serem mais aliciantes para os alunos, porque sendo esta uma disciplina opcional, é fundamental proporcionar aos alunos momentos aliciantes que os ajudem a refletir na cultura envolvente e nas suas vidas, porque desta forma sinto

---

<sup>33</sup> Fernando Moita, «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual», Pastoral Catequética 9, n.º 26 (2013):61



que estarei a proporcionar aos alunos uma visão da disciplina de EMRC como uma disciplina que dá mais sentido à pessoa de cada um.

O objetivo da catequese é claramente a construção da comunidade eclesial e da identidade cristã. Não é esse o objetivo último da EMRC, que tem como objetivo contribuir para a construção da comunidade e da história humanas. Para os alunos que frequentam a disciplina e são cristãos, esta disciplina contribui certamente para o aprofundamento da sua fé.

A nível pessoal foi muito importante descobrir a importância do trabalho cooperativo entre os professores do núcleo e a relação que se estabelece com os outros professores da escola, De acordo com o programa:

a sinergia criada – estar ligado a alguém – gera mais motivação para aprender do que os ambientes competitivos e a motivação é mais intrínseca (desejo de saber). A cooperação também aumenta os sentimentos positivos em face do outro, reduzindo a alienação e o isolamento, construindo relações e providenciando perspectivas afirmativas de outras pessoas.<sup>34</sup>

Na prática de ensino supervisionada tive a oportunidade de me relacionar informalmente com alguns professores e partilhar com eles algumas experiências. Também foi muito importante para mim a relação que se foi estabelecendo com os alunos, apesar de ser só uma vez por semana, tinha o cuidado de os acompanhar e de os conhecer um pouco melhor.

Em relação às competências profissionais, sinto que o espírito de equipa e a entajuda foram fundamentais para o estágio, o empenho e o espírito de equipa proporcionados pela professora cooperante foram fundamentais para o desenvolvimento das nossas competências profissionais, a professora cooperante foi um testemunho fundamental quer na relação pedagógica que estabelece com os alunos, quer na partilha da sua experiência enquanto professora de EMRC.

Como forma de avaliação do trabalho posso afirmar que gostei bastante desta partilha e lamento que este processo tenha terminado de um modo mais repentino devido à Pandemia, no entanto tudo aquilo que foi vivido foi sem dúvida, bastante enriquecedor.

Numa avaliação de processo, associada à pedagogia cooperativa, o docente deve determinar para o trabalho um conjunto de competências sociais a desenvolver, para além dos conteúdos que deverão ser trabalhados e adquiridos, mas a avaliação do produto não

---

<sup>34</sup> SNEC, *Programa EMRC 2014*, 158

Ihe permite conhecer o processo de desenvolvimento dessas competências. Torna-se, pois, necessária a elaboração de instrumentos de observação de atitudes.<sup>35</sup>

Tenho a consciência da minha pouca experiência como professor, no entanto sinto-me um privilegiado por todo este caminho percorrido, tenho receios, julgo que é normal que assim seja, no entanto apesar desta experiência mais reduzida julgo que possuo o perfil necessário para ser professor de EMRC.

### **1.5.1. A leção da UL: planificação de nível IV**

Ao longo das aulas fui aprendendo os diferentes tipos de planificação. Quando penso na planificação de nível IV, penso num plano que me irá ajudar como docente a organizar o tempo da aula e a organizar os conteúdos da mesma, de acordo com as metas, os objetivos, as finalidades, as aprendizagens essenciais e principalmente de acordo com a caracterização da turma a que me estou a dirigir, então cada uma das planificações foi para mim um momento de grande aprendizagem, porque ao planificar tinha de visualizar tudo, toda a aula teria que ficar espelhada na planificação.

Apresento de seguida as minhas planificações de nível IV para lecionar a UL1 do programa de EMRC do 9.º ano de escolaridade.

#### ***1.5.1.1. Aula 2 – A vida humana, um valor a defender***

A aula teve início com o acolhimento, à medida que cada aluno foi chegando, num ambiente de uma certa descontração, fui-me apresentando. Após a chegada da grande maioria do grupo, projetei o sumário e requisitei o seu registo. Após esse momento inicial, questionei os alunos sobre o que recordavam da aula anterior e seguidamente recorri à projeção do resumo da mesma. Comecei posteriormente por fazer uma pergunta a todos os alunos «A minha vida é um valor porquê?» Os alunos mostraram alguma dificuldade em responder e então decidi efetuar um testemunho pessoal sobre a minha vida, fi-lo porque achei que seria oportuno, pois poderia ser também um momento de partilha e de confiança entre o professor e a turma.

Posteriormente alguns alunos foram muito participativos e capazes de identificar várias situações. Depois de introduzir o tema «valor da vida humana» fiz referência ao cuidado da vida até a morte e a casos de pessoas que deram a sua própria vida. Neste sentido, projetei um vídeo sobre a vida de Giana Beretta Mola., depois fiz referência ao testemunho do Martin Luther King e de Jesus,

---

<sup>35</sup> SNEC, Programa EMRC 2014, 161

o Bom Pastor. Depois de aprofundados os principais conteúdos efetuei a síntese que apelava para que todas as ações fossem orientadas pelo princípio da dignidade da pessoa humana.

**Plano de Aula N.º 2 Data: 1/10/2019**

**Lição n.º 3**

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Metas: Q** - Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana;

**M** – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

**Sumário:** A vida humana, um valor a defender.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação Formativa
2. Compreender o valor da vida.		- Acolhimento e registo do sumário.	5m	Projector	O professor avalia a participação dos alunos na atividade.
	•A vida humana um valor primordial mas não absoluto.	<b>Dinâmica – A minha vida é um valor porque...</b>  Introdução ao tema	12m	Computador	
	Dar a própria vida pelo outro:	Interação com os alunos sobre situações reais.	18m	Vídeo sobre Gianna Beretta <sup>36</sup>	Através do diálogo o professor verifica o interesse dos alunos e verifica se eles percebem a importância da Vida.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• testemunho de Gianna Beretta;</li> <li>• testemunho de Martin Luther King.</li> </ul>	Leitura do texto bíblico.	10m	Vídeo sobre Martin Luther king <sup>37</sup>	Atenção e concentração;
	Jesus, o Bom Pastor. Jo. 10, 11. 14-15				Manual de 9.º ano de EMRC (páginas 17 a 28)
		- Síntese e conclusão.	5m		Cumprimento das tarefas propostas.

**Proposta de Síntese:** A vida humana é um valor primordial, merece e exige o devido respeito, porque cada humano “é presença de Deus”. Todas as ações devem ser orientadas pelo princípio da dignidade da pessoa humana.

**Quadro 1 – Planificação da Lição n.º 3 da UL 1: «Dignidade da Vida Humana»**

<sup>36</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_Gkm55VGNs](https://www.youtube.com/watch?v=P_Gkm55VGNs)

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=VwTpV54VhKk>

### 1.5.2.2. Aula 3 – Os grupos minoritários

Com esta aula pretendeu-se questionar os alunos sobre o que recordavam da aula anterior e seguidamente recorria à projeção do resumo da mesma. Através do *Powerpoint* pretendia desenvolver o tema do preconceito em relação aos grupos minoritários e várias situações da história onde o preconceito criou graves problemas sociais de grande injustiça para vítimas, como situações de Racismo, de Xenofobia e de Apartheid, assim como as perseguições dos regimes Nazista e Estalinista.

Posteriormente pretendemos dividir os alunos em pequenos grupos nos quais os alunos são convidados a explanarem, através de cartazes com colagens, uma mensagem apelativa de apoio às vítimas dos diferentes grupos minoritários. Este tipo de atividade ajuda a consolidar o tema e pretende que o aluno reflita sobre o mesmo de uma forma mais lúdica. No final da aula pretende-se mostrar um filme alusivo ao tema como auxílio na construção da síntese da aula.

**Plano de Aula N.º 3 Data: 8/10/2019**

**Lição n.º 4**

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Meta: M** – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

**Sumário:** Consolidação dos conteúdos da aula anterior. O Valor da Vida. Atentados à dignidade da vida humana. Os preconceitos sociais e religiosos contra grupos minoritários.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>3. Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social</b>		Acolhimento e registo do sumário.	5m	Projetor Computador Powerpoint Revistas e jornais Vídeo sobre Racismo <sup>38</sup> Manual de 9.º ano de EMRC (pp. 21 a 27)	Participação Verificar o interesse dos alunos Atenção e concentração; Motivação; - Cumprimento das tarefas propostas.
	· Os grupos minoritários ou «não produtivos»;	Breve revisão dos conteúdos lecionados.	5m		
	· A problemática da igualdade e da discriminação;	Visualização de um PowerPoint sobre os grupos em desvantagem social.	10m		
	· Os preconceitos sociais e religiosos;	Vídeo sobre o Racismo <b>Trabalho de grupo:</b> Cartazes sobre o tema	25m		
	· A falta de responsabilidade dos adultos face às crianças.	Síntese e conclusão	5m		

**Proposta de Síntese:** Existem grupos minoritários que estão em desvantagem social. É importante uma proposta do agir ético cristão.

#### Quadro 2 – Planificação da Lição n.º 4 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana»

<sup>38</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=cS6mTPMXaHY>

### **1.5.2.3. Aula 4 – O Bom Samaritano**

Após um acolhimento inicial, projetei uma imagem de forma a proceder à recapitulação da aula anterior e nesse momento alguns alunos foram muito participativos e envolveram-se na definição dos conceitos expostos nas aulas anteriores, seguidamente recorri à projeção do resumo. Posteriormente efetuei a projeção de um vídeo da “Parábola do Bom Samaritano” e após a visualização da história fiz a projeção do texto da parábola e pedi a alguns alunos para a ler.

Após a leitura e a consolidação procedemos à reconstrução da história através do preenchimento de espaços. Os alunos conseguiram preencher os espaços, participando ativamente. De seguida efetuei a definição de alguns conteúdos relacionados com a história (Doutor da Lei, Levita, Sacerdote, Samaritano). Posteriormente fiz uma pergunta “Quem é o teu próximo?” e iniciou-se um pequeno debate sobre quem é o próximo, no qual alguns alunos mais participativos intervieram. De seguida mostrei algumas imagens de pinturas alusivas à figura do bom samaritano, com o objetivo de passar a mensagem que esta história tem uma mensagem muito forte e que vários artistas pretenderam dar ênfase à mesma.

Depois de aprofundados os principais conteúdos, pedi à turma que se dividisse em dois grupos e que, em poucos minutos, recriassem a Parábola do Bom Samaritano. Os grupos dividiram-se e tentaram arranjar as personagens da história. Um dos dois grupos conseguiu fazer uma boa gestão de tempo e organizou-se de modo a construir a história; o outro grupo demorou mais tempo e não conseguiu muito bem atingir os objetivos. Eu estive com ambos os grupos a incentivar e a controlar o trabalho dos mesmos. Depois do tempo disponível para a atividade terminar pedi a cada grupo que fizesse a representação da sua história.

A escolha de este tipo de estratégias é fundamental, pois promove uma maior interação e participação dos alunos, tornando a aula mais eficaz e participativa. No entanto este tipo de tarefa é eficaz se os alunos perceberem o objetivo da tarefa de modo a perceberem que irão trabalhar em equipa para alcançar determinado objetivo. Segundo Muller (2011)<sup>39</sup> «os membros de uma Equipa são complementares e juntos conseguem fazer muito mais do que cada um dos indivíduos sozinho. Uma Equipa bem desenhada é mais do que os membros que a constituem». Um outro fator importante é a cumplicidade do grupo, porque a tarefa é mais produtiva se o grupo que for formado já conhecer

---

<sup>39</sup> Gerrit Muller, *Lado humano, trabalho em equipa*» G. Muller, Systems Architecting: A Business (EUA: CRC Press. 2010):187-210

os participantes. Para Espevik & Olsen (2013)<sup>40</sup>, equipas recentemente formadas evidenciam estratégias de colaboração pouco eficazes e, conseqüentemente, uma performance mais pobre do que a das estabelecidas há mais tempo. Neste sentido, o professor é o responsável pela gestão do trabalho de grupo principalmente se os grupos formados não estiverem ainda bem enturmados. Segundo Abrantes (1994)<sup>41</sup> o professor deve estimular a interação entre todos os membros do grupo, devendo as dúvidas que lhe forem colocadas ser remetidas sob a forma de novas questões, de modo a incitar à reflexão e formulação de conclusões. No final efetuei em conjunto com os alunos a síntese oralmente.

**Plano de Aula N.º 4 Data: 15/10/2019**

**Lição n.º 5**

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Meta: E – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.**

**Aprendizagens Essenciais:** Compreender o núcleo central do cristianismo que assume o humano como Imagem e Semelhança de Deus.

**Sumário:** A Parábola do bom Samaritano. Mensagem cristã sobre o amor ao próximo.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>5. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.</b>	<b>·A Parábola do Bom Samaritano: Lc. 10,25-37</b> valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa.	- Acolhimento e registo do sumário.	5m	Projetor  Computador  Powerpoint  Manual de 9.º ano de EMRC (páginas 28 a 33)	Participação dos alunos na atividade.  Interesse dos alunos.  Atenção e concentração;  Motivação;  - Cumprimento das tarefas propostas.
		- Diálogo/ponte entre as aulas anteriores e a presente.	10m		
		- Audição, leitura e análise da “Parábola do Bom Samaritano”.	15m		
		- Improvisação em grupos e apresentação de dramatizações da parábola.	15m		
		- Síntese em grupo.	5m		

**Proposta de Síntese:** Devemos estar atentos aqueles que mais precisam de nós. É preciso cuidar do outro, seja ele quem for, sem qualquer limite.

### Quadro 3 – Planificação da Lição n.º 5 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana»

<sup>40</sup> Espevik, Roar, Olav Olsen. «Um novo modelo para entender o trabalho em equipa a bordo de um navio». Marit Health, (2013) 89-94. acedido a 30 de Janeiro de 2019 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23788225/>

<sup>41</sup> Paulo Abrantes «O trabalho de projeto e a relação dos alunos com a Matemática». (Adaxe. Revista de Estudos e Experiências Educativas, 5. 1994): 5 Acedido a 15 de abril de 2020 <https://www.ime.usp.br/~dpdias/2015/Projeto%20-%20Paulo%20Abrantes.pdf>

#### ***1.5.2.4. Aula 5 – As atitudes promotoras da Dignidade Humana***

Após o acolhimento inicial, projetei uma imagem de forma a proceder à recapitulação da aula anterior e nesse momento alguns alunos foram muito participativos e envolveram-se na definição dos conceitos expostos nas aulas anteriores, seguidamente recorri à projeção do resumo. Posteriormente projetei alguns textos onde a Igreja Católica defende o respeito ao próximo como “outro eu”, indicando que devemos rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social, porque qualquer forma de discriminação é contrária à vontade de Deus e pedi a alguns alunos para a ler.

Após a leitura, questionei os alunos sobre o que achavam da sociedade atual, uma sociedade onde prevalece o “ter” em relação ao “ser”, marcada por injustiças e por vários atentados contra a dignidade humana e refleti com a turma a importância da prática dos valores éticos: respeito, tolerância, paciência, solidariedade, carinho, dedicação, diálogo, justiça, etc. são atitudes essenciais para a promoção dignidade da vida humana e todos nós podemos agir na promoção desta dignidade.

De seguida pedi aos alunos para formarem dois grupos, dei-lhes algumas imagens recortadas e pedi-lhes para realizarem cartazes alusivos aos temas que estivemos a trabalhar nas aulas anteriores e dei-lhes 15 minutos para concluírem a tarefa. Um dos grupos foi mais produtivo, organizou-se da melhor forma e começou a trabalhar mais rapidamente concluindo a tarefa. O outro grupo demorou mais tempo a organizar-se, foi necessário reforçar melhor o que era proposto para fazerem.

No final da aula como já estávamos a ficar com pouco tempo, pedi a um representante de cada grupo para apresentar o seu trabalho. A escolha por uma apresentação oral visou, também, estimular a comunicação de ideias, desenvolver o espírito crítico e promover a capacidade de falar em público com autoconfiança, não tiveram muito tempo para desenvolverem melhor as suas apresentações, mas tentei efetuar o feedback ao trabalho que tinham feito.

Segundo Veiga Simão (2005)<sup>42</sup>, «ensinar e aprender são atividades que, quanto à sua eficácia, não podem passar sem a existência de feedback», pelo que procuro continuamente refletir sobre como melhorar esta prática e investigar estratégias que possibilitem novas abordagens a determinadas tarefas, de modo que os processos de ensino/aprendizagem sejam mais dinâmicos, motivadores, inovadores, responsáveis e responsabilizantes para todos os intervenientes no processo educativo. Depois projetei a síntese da aula no *Powerpoint* e foi cedido um tempo para o seu registo.

---

<sup>42</sup> Ana Margarida Veiga Simão, «Reforçar o valor regulador, formativo e formador das avaliações das aprendizagens» Revista de Estudos Curriculares, 3, 265-289. Acedido a 28 fevereiro de 2020 [Reforçar-o-valor-regulador-formativo-e-formador-da-avaliacao-das-aprendizagens.pdf \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/338888888)

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Metas: Q** – Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

**M** – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

**Aprendizagens Essenciais:** Participar em ações promotoras da dignidade da vida humana e de proximidade.

**Sumário:** Considerações sobre a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana. Identificação das atitudes que promovem a dignidade da vida humana.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>4. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.</b> <b>6. Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.</b>		Acolhimento /registo do sumário.	5m	Projektor Computador  Powerpoint  Revistas e jornais  Vídeo sobre Racismo  Manual de 9.º ano de EMRC (páginas 21 a 27)	Participação dos alunos na atividade.  Interesse dos alunos.  Atenção e concentração;  Motivação;  -  Cumprimento das tarefas propostas.
	Cada pessoa deve considerar o próximo como “ <b>outro eu</b> ”, respeitá-lo e rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social (G.S. 27)	Diálogo para estabelecimento de ponte entre as aulas anteriores e a presente.	5m		
	É contrária à vontade de Deus qualquer forma de discriminação (G.S. 29).	PowerPoint sobre atitudes promotoras de dignidade.	20m		
	. A fraternidade humana, centro das escolhas morais . A atenção e o cuidar da vida dos mais necessitados no contexto em que se vive. . O empenho pessoal na denúncia dos atentados à dignidade. . A participação em grupos e organizações de defesa e promoção da vida.	Trabalho de grupo: Ilustrações sobre os atentados à dignidade humana.	15m		
		Síntese e conclusão	5m		

**Proposta de Síntese:** Promover a dignidade humana é respeitar o próximo e denunciar os atentados à vida participando na sua defesa. É essencial praticar os valores éticos: Respeito, Tolerância, Diálogo, Solidariedade, Dedicção e Justiça.

**Quadro 4 – Planificação da Lição n.º 6 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana»**



### ***1.5.2.5. Aula 6 – O início da vida***

Esta aula começou um pouco atrasada, a maioria dos alunos entraram mais tarde, devido ao estado do tempo e devido ao facto de ser o primeiro turno da manhã. Após a chegada dos alunos, projetei o sumário e pedi aos alunos que escrevessem no caderno, de seguida pedi para fazermos uma síntese da aula anterior e depois projetei a mesma no quadro.

O tema desta aula tem a ver com o início da vida, comecei a aula por dizer que o início da vida é um momento abençoado, é o, por excelência, o resultado da união de duas pessoas que se amam e que procuram nessa união a realização do seu amor. De seguida referi a perspetiva científica sobre a formação do ser humano, referindo que a mesma acontece através da fusão de duas células (ovócito e espermatozoide). E referi que o ser humano tem uma singularidade que o distingue como individuo tem uma inteligência superior capaz de desenvolver consciência da sua dignidade e de se reconhecer numa relação social. No entanto disse também que o momento a partir do qual se inicia a vida do ser humano ainda está sujeito a debate e há diferentes opiniões:

Seguidamente apresentei algumas das opiniões que as pessoas têm sobre o início da vida e posteriormente referi, de imediato, que a Igreja Católica afirma que o início da vida humana começa na fecundação.

Porque o início da vida suscita algumas questões decidi recorrer à visualização de um vídeo, onde foi possível aos alunos observarem as diferentes fases do desenvolvimento embrionário. Após o vídeo apresentei, com mais detalhe, cada uma das fases do embrião desde o momento da fecundação. Após esse momento, senti a necessidade de dar um testemunho pessoal, pois eu nasci prematuro com cerca de 26 semanas, e esse momento foi um momento bastante interessante, porque os alunos não estavam à espera. Depois pedi aos alunos para realizarem um debate sobre: *Como podemos preservar a vida humana? Que estou eu disposto a fazer neste sentido?...* Durante o debate os alunos começaram a dar a sua opinião sobre o tema, a maioria defendeu que a vida tem valor e que se deve preservar.

Depois projetei a síntese da aula no quadro e foi cedido um tempo para o seu registo.

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Metas: L** – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

**Aprendizagens Essenciais:** Reconhecer a vida humana como um bem inviolável.

**Sumário:** Originalidade e beleza da vida humana.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja.</b>		Acolhimento e registo do sumário.	5m	Projetor Computador  Powerpoint  Vídeo sobre Início da Vida  Manual de 9.º ano de EMRC (páginas 21 a 27)	Participação dos alunos na atividade.  Interesse dos alunos.  Atenção e concentração;  Motivação;  - Cumprimento das tarefas propostas.
	O início da vida humana: O que diz a ciência; O que mostra a reflexão cristã; Diferentes perspetivas sobre: a fecundação; a viabilidade da vida humana; O nascimento.	Resumo da aula anterior	15m		
		Apresentação Powerpoint: As diferentes fases da gestação	20m		
		Visualização de um filme sobre o início da vida	5m		
		Síntese	5m		

**Proposta de Síntese:** A beleza da vida humana é um valor a garantir e a preservar desde a fecundação.

Quadro 5 – Planificação da Lição n.º 7 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana.

### ***1.5.2.6. Aula 7 – Atitudes promotoras da Dignidade Humana***

Para esta aula elaborei um Powerpoint e preparei uma atividade para a turma.

Nesta aula pretendeu-se questionar os alunos sobre o que recordavam da aula anterior e seguidamente recorria à projeção do resumo da mesma. Através do Powerpoint pretendia desenvolver o tema do aborto, definindo os vários tipos de aborto e apresentando os riscos do aborto para a saúde. Pretendia também apresentar aos alunos a legislação portuguesa sobre o aborto.

Para esta aula tinha mostrei aos alunos uma figura de um bebé de 10 semanas e a partir dessa figura surgiu um debate na turma sobre os argumentos a favor e contra o aborto. No final da aula faria a respetiva síntese com os alunos.

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Metas: L – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.**

**Aprendizagens Essenciais:** Reconhecer a vida humana como um bem inviolável.

**Sumário:** Considerações sobre o aborto

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja.</b>		Acolhimento e registo do sumário. Breve revisão da matéria dada.	5m	Projektor	Participação dos alunos na atividade.  Interesse dos alunos.  Atenção e concentração;  Motivação;  - Cumprimento das tarefas propostas.
	• O aborto: Noção de aborto e de Interrupção Voluntária da Gravidez	Apresentação Powerpoint	5m	Computador	
		Análise de afirmações a favor e contra o aborto Observação de uma figura de um bebé de 10 semanas	20m	Powerpoint	
	• O aborto: relação entre nível moral e nível jurídico de apreciação do aborto	<b>Debate</b>	15m	Modelo 3D de um bebé de 10 semanas	
		Construção coletiva da síntese da aula através do preenchimento de palavras.	5m	Manual de 9.º ano de EMRC	

**Proposta de Síntese:** Realizar um aborto voluntário é atentar contra a vida do ser humano.

**Quadro 6 – Planificação da Lição n.º 8 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana.**

### ***1.5.2.7. Aula 8 – A Eutanásia***

A aula teve início na hora marcada, alguns alunos demoraram a chegar, como já tem sido habitual, e fiz o acolhimento, durante o mesmo estava projetado o primeiro diapositivo que referia a lição e o respetivo sumário para os alunos escreverem no caderno diário. Como segundo diapositivo, coloquei a síntese da aula anterior: “realizar um aborto voluntário é atentar contra a vida do ser humano” a partir do qual fiz com os alunos um diálogo de modo reforçar a matéria dada anteriormente e a verificar se os alunos estavam recordados da mesma. Verifiquei que os alunos tinham ficado com as noções principais sobre o que é o aborto voluntário e involuntário e as suas consequências para a saúde.

No diapositivo seguinte apresentei, aos alunos, um vídeo<sup>43</sup> sobre a eutanásia de modo a efetuar a introdução ao tema. A continuação da aula consistiu principalmente na leitura e reflexão 1.5do PowerPoint que serviu de suporte, e foi adaptado do Manual do 9.º ano. Quase no final da aula pedi aos alunos para fazerem uma atividade, onde dei aos alunos uns cartões aleatoriamente com os argumentos a favor e argumentos contra a eutanásia, que estavam referidos no manual do aluno, e pedi-lhes que escolhessem se seria um argumento contra ou a favor. Esta atividade tinha o intuito de promover nos alunos um debate, porque, a apresentação de vários pontos de vista, ajudam a refletir sobre o tema. Depois desta atividade, continuei a leitura dos diapositivos onde referi a importância dos cuidados paliativos como resposta à eutanásia e neste momento alguns alunos questionaram sobre o funcionamento dos cuidados paliativos o que gerou alguma admiração sobre o funcionamento dos mesmos, pois a maioria dos alunos desconhecia a existência deste serviço.

Após a construção coletiva da síntese, projetei a mesma de modo que a mesma fosse registada pelos alunos, dando um tempo para este efeito.

---

<sup>43</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=iKxfhJy43n0&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=iKxfhJy43n0&feature=emb_logo) acedido a 1 de novembro de 2019

Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”

Metas: L – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

Aprendizagens Essenciais: Reconhecer a vida humana como um bem inviolável.

Sumário: Considerações sobre a Eutanásia.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspectiva da Igreja.</b>		Acolhimento e registo sumário Diálogo para estabelecimento de ponte entre as aulas anteriores e a presente.	10m	Projektor	Participação dos alunos na atividade.  Interesse dos alunos.  Atenção e concentração;  Motivação;  - Cumprimento das tarefas propostas.
	A Eutanásia: - Noções e perspectivas;	Projeção de um PowerPoint	20m	Computador	
	- A Dignidade da Pessoa humana na doença e na velhice.	Vídeo sobre a Eutanásia.	5m	Vídeo sobre a Eutanásia	
		Atividade Argumentos contra e a favor (cartões)	10m	Cartões com argumentos Manual de 9.º ano de EMRC	
		Síntese	5m		

**Proposta de Síntese:** A vida é valiosa e todos podemos opor-nos à "cultura de morte".

Quadro 7 – Planificação da Lição n.º 9 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana.

### 1.5.2.8. Aula 9 – Revisões

A aula teve início com o acolhimento. Após a chegada da grande maioria do grupo, projetei o sumário e requisitei o seu registo. Após esse momento inicial, projetei algumas imagens com as várias sínteses das aulas lecionadas ao longo do período e pedi aos alunos para participarem na leitura das mesmas, de forma a se proceder às revisões das aulas anteriores e nesse momento alguns alunos foram muito participativos e envolveram-se na definição dos conceitos expostos nas aulas anteriores.

De seguida pedi aos alunos para formarem dois grupos, e recriei o jogo, “Quem quer ser milionário?” Em que o mesmo se passaria a chamar “Quem quer ser defensor da dignidade humana?”

Eu iniciei o jogo e comecei por fazer de apresentador e pedi aos alunos para formarem dois grupos de modo a responderem alternadamente às questões que iriam ser colocadas.

Segundo Arends<sup>44</sup>, «Um dos aspetos mais importantes da aprendizagem cooperativa é o de que ajudando a promover o comportamento cooperativo e a desenvolver melhores relações grupais entre os alunos, está simultaneamente a ajudar os alunos na sua aprendizagem académica.» Neste sentido, os jogos na sala de aula são, um meio fundamental para o professor conseguir que a sua mensagem chegue ao maior número de alunos possível, sobretudo em turmas cada vez maiores, onde a heterogeneidade tende a estar cada vez mais presente, cabe ao professor encontrar estratégias, recursos e atividades que sejam apelativos e relevantes para o maior número possível de alunos, e que contribuam para a sua aprendizagem e desenvolvimento global dos mesmos.

<b>Plano de Aula N.º 9 Data 19/11/2019</b>	<b>Lição N.º 10</b>
--	---------------------

**Unidade Letiva: 9.º ano, U.L. 1 “Dignidade da Vida Humana”**

**Sumário:** Síntese da UL 1.

Jogo: Quem quer ser defensor da dignidade humana?

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 50m	Recursos	Avaliação Formativa
<b>Resumir a Unidade Letiva efetuando a síntese dos principais temas lecionados nas últimas aulas.</b>		Acolhimento e registo do sumário. Breve revisão da matéria dada.	5m	Projektor Computador	Participação dos alunos na atividade.
	Todos os conteúdos da Unidade Letiva 1	<b>Visualização do PowerPoint:</b> Síntese da Unidade Letiva 1	10m	Powerpoint Jogo “Quem quer ser defensor da Dignidade Humana”	Interesse dos alunos. Atenção e concentração;
		<b>Jogo</b> “quem quer ser defensor da dignidade humana”.	35m	Manual de 9.º ano de EMRC “Quero ser”	Motivação;
		Síntese	5m		- Cumprimento das tarefas propostas.

**Quadro 8 – Planificação da Lição n.º 10 da UL 1 «Dignidade da Vida Humana.**

<sup>44</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 349.

## 1.6. CONCLUSÕES SOBRE A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 1

A Educação Moral e Religiosa Católica pretende prestar um contributo para a missão educativa da escola. O mundo e a existência humana podem ser interpretados e construídos a partir do religioso. A pessoa humana também se constrói a partir desta perspetiva, mas isso não é possível se não existir o conhecimento, a capacidade e a competência necessária para fazê-lo.

Esta disciplina não se pode confundir com o ensino de uma religião: a religião católica, mas é o ensino feito a partir de uma religião concreta. É que a dimensão da religiosidade tem de ser sempre refletida e proposta a partir de modelos concretos, uma vez que não existe a religião no abstrato, mas sim as diversas religiões e movimentos religiosos.

A EMRC deve ajudar os alunos no sentido de uma concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, mas não pode pedir como ponto de partida a fé, nem exigir, da parte dos alunos, respostas ditadas pela fé.

Para Moita<sup>45</sup>, “a EMRC ajuda a encontrar razões de existir e de estar no mundo. É um processo de educação da dimensão religiosa do ser humano, usando um vocabulário científico próprio que permite uma conceção integral e global da vida, justificando razões e relações perante questões importantes da vida, facilitando uma qualificada interpretação do mundo, através de uma apropriada hermenêutica religiosa-teológica”. E isso tem, naturalmente repercussões no estilo de vida, nas atitudes, nas relações, nas escolhas profissionais e nos comportamentos.

O que a EMRC propõe é ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal e a assumirem o seu protagonismo na comunidade, na sociedade e na história. Para isso promove-se o conhecimento e o encontro com o conteúdo da fé cristã católica, respeitando, no entanto, quer o processo educativo específico da escola, quer as suas consciências e liberdade.

A minha expectativa relativamente ao início da PES era muito elevada, um dos meus propósitos era adquirir mais competências pedagógicas. Durante a lecionação da Unidade Letiva 1, Dignidade da Vida Humana, fui descobrindo como nos diz Arends<sup>46</sup> que “os professores eficazes têm repertórios diversificados e não estão limitados”. Enquanto docente, também tenho adquirido novas aprendizagens e o trabalho realizado tem sido bastante positivo

---

<sup>45</sup> Cf. Fernando Moita, «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual», Pastoral Catequética 9, n.º 26 (2013): 62.

<sup>46</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*. 23.

quer no que diz respeito à planificação, quer no que diz respeito ao desenvolvimento do processo de ensino. Em todas as planificações optei por recorrer ao *Powerpoint* como suporte de todas as aulas e tentei escolher materiais diversificados de modo que as aulas fossem mais apelativas, nomeadamente escolhi alguns vídeos que se adequavam com as temáticas do programa e da UL.

Poder comparar experiências, observar aulas e ter alguém que nos ajude a refletir é muito benéfico, já o referi anteriormente que foi muito importante e de grande crescimento pessoal as reflexões e críticas que tive no núcleo de estágio, quer da professora cooperante Margarida como da colega Elisabete Almendra. Nem sempre é muito fácil ouvir algumas observações, mas é sem dúvida uma excelente oportunidade de aprendizagem para a minha função docente.

Ainda me faltam algumas “ferramentas” pedagógicas de modo que possa cativar mais o grupo de alunos e que descentalizemos a aula da figura do professor. Arends<sup>47</sup>, indica que é sempre necessário planificar e avaliar cuidadosamente a ação ocorrida pois só desse modo poderemos evoluir:

Tanto a teoria como o senso comum sugerem que a planificação aplicada a qualquer tipo de atividade melhora os resultados. A investigação também favorece a planificação do ensino em relação a atividades e eventos sem orientação, mas como verá, alguns tipos de planificações podem levar a resultados inesperados.

Relativamente à avaliação da Unidade Letiva, convém salientar que esta permitiu a aquisição de um vasto conjunto de aprendizagens, tenho a consciência tal como nos diz Arends que como “professor reflexivo” há muito a melhorar e que isso é um desafio permanente. Durante o ensino da unidade letiva aprendi a observar, observar os alunos, observar os outros professores, observar a escola e toda a sua envolvência, aprendi também a ouvir e registar as observações e sugestões dadas pelos colegas do núcleo de estágio e com isto aprendi a refletir sobre a minha prática letiva, aprendi também que é fundamental um professor preparar bem as aulas, porque a preparação científica dos conteúdos lecionados é essencial para o sucesso da aprendizagem.

Os conteúdos planificados para cada aula foram cumpridos integralmente e explorados de forma satisfatória havendo normalmente espaço para a intervenção e colaboração dos alunos, apesar de achar que deveria de ter havido mais tempo para explorar cada tema.

---

<sup>47</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 95



Em relação ao tema da UL1, pude verificar que alguns alunos ainda revelaram pouca maturidade para os temas do programa e em relação à religião alguns estavam indiferentes, alheios ao fenómeno religioso e este processo faz-me refletir na importância ou contributo que a EMRC tem na vida destes alunos.

Neste sentido, para o Papa João Paulo II:

o professor de religião preocupar-se-á, também, de fazer amadurecer profunda “procura de sentido” que os jovens transportam dentro de si, mostrando como o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja inexaurível fecundidade se manifesta nos valores de fé e de humanidade expressos pela comunidade crente e radica no tecido histórico e cultural da população da Europa. O processo didático próprio da educação religiosa deverá, então, caracterizar-se por um claro valor educativo, de modo a formar personalidades juvenis ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade.<sup>48</sup>

Apesar da pouca cultura religiosa, na avaliação desta unidade letiva o nível de aprendizagem dos alunos foi na grande maioria bastante bom, a turma tinha vários alunos interessados em participar nas atividades propostas e tiveram bons resultados na avaliação efetuada. Alguns alunos destacaram-se para constante participação na sala de aula, outros estiveram menos participativos, existiu na turma um aluno que é um pouco mais controverso, estava constantemente desinteressado e a conversar com a colega do lado, é um elemento que acabava por ser bastante perturbador. A aprendizagem tem como ponto de sustentação não só os conteúdos como os intervenientes do processo e a sua predisposição para ensinar/aprender. De acordo com Arends:<sup>49</sup>

A vida na sala de aula é, assim, o resultado de alunos motivados individualmente e professores que interagem num contexto social. É a partir deste desenvolvimento e interação sustentáveis que as comunidades de aprendizagem evoluem para produzirem a aprendizagem académica e social desejável.

---

<sup>48</sup> Sá Carvalho et al., *Programa EMRC 2014*, 163

<sup>49</sup> Arends, *Aprender a Ensinar*, 137

## CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO SOBRE A DIGNIDADE E O SENTIDO DA VIDA

### 2.1. PERSPECTIVA GERAL

Na realização de um trabalho científico deve-se efetuar uma revisão da literatura sobre o tema em estudo. Neste sentido, para melhor compreendermos este tema efetuamos uma pesquisa bibliográfica e analisámos alguns contributos teóricos sobre a problemática da dignidade humana, tal como é entendida no contexto da teologia e, mais geralmente, do pensamento social cristão.

O tema da dignidade humana é um tema bastante vasto, vários autores estudaram este tema e são várias as teorias acerca do mesmo, no entanto tentaremos aprofundar este conceito.

De acordo com o programa<sup>50</sup>:

a Educação Moral e Religiosa Católica, direcionada para o ensino do religioso e da educação ético-moral, interpreta e favorece a significação do facto cultural compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, que se deve orientar por princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade da pessoa humana.

De um modo geral, a ideia que predomina acerca da dignidade da pessoa humana é a ideia universal do valor primordial de cada indivíduo surge precisamente da própria natureza humana. Neste sentido Mezzono afirma que:

Encontra-se um significado primário, como nobreza, valor excelência, admiração, reconhecimento; é sempre referente a alguém ou a alguma coisa: a quem vem atribuído um valor especial; que é digno, honesto [...] o fundamento da dignidade no sentido cristão parte da natureza, da origem e do destino do homem.<sup>51</sup>

O mesmo autor indica-nos que “a sociedade secularizada ignora a origem e a natureza ontológica do homem como fonte de dignidade [...] essa dignidade serviu de fundamento para a declaração universal dos direitos do homem”. Essa amplitude do conceito de dignidade implica a visão de um valor inerente e igual de cada ser humano.

Deve-se distinguir o homem, no plano ontológico, de todos os outros seres, em posição específica de superioridade sobre os animais. Podemos assim verificar que, uma coisa é a

---

<sup>50</sup> Sá Carvalho et al., *Programa EMRC 2014*, 163

<sup>51</sup> Augusto Mezzomo, «*Dignidade e direitos da pessoa humana*». Revista Bioethikos. (Centro Universitário São Camilo - 2011;5(2)):195 acedido a 15 de junho de 2020 <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/85/193-200.pdf>

dignidade ontológica, outra coisa é a dignidade moral ou ética. O Papa Francisco no discurso do Parlamento Europeu referiu que:

dignidade da pessoa significa reconhecer que ela possui direitos inalienáveis, de que não pode ser privada por arbítrio de ninguém e, muito menos, para benefício de interesses económicos. É preciso, porém, ter cuidado para não cair em alguns equívocos que podem surgir de um errado conceito de direitos humanos e de um abuso paradoxal dos mesmos. De facto, há hoje a tendência para uma reivindicação crescente de direitos individuais – sinto-me tentado a dizer individualistas –, que esconde uma conceção de pessoa humana separada de todo o contexto social e antropológico.<sup>52</sup>

É na tradição judaico-cristã que se identificam as bases filosóficas para a construção da noção de dignidade inerente da pessoa humana. Segundo Bernardo Domingues<sup>53</sup>, para os Padres da Igreja, especialmente representados por S. Agostinho, o ser humano seria essencialmente uno em corpo e espírito e busca uma finalidade extrínseca, correspondente ao encontro com Deus. A pessoa é, na sua singularidade, a imagem de Deus, chamada ao diálogo de amor expresso na Trindade. Na pessoa estão as noções de divindade e humanidade. Segundo o mesmo autor, na Escolástica e, especificamente, em S. Tomás de Aquino, o termo *dignitas* é usado no sentido do valor de algo. Para S. Tomás de Aquino, o que dá especial dignidade ao ser humano, é sua natureza racional, intelectual. Acerca da noção de dignidade na filosofia tomista, observa-se que a “dignidade radical” vem da pessoa e é comum a todos os seres humanos, de onde “procedem todas as outras perspetivas da dignidade humana.” Podemos entender que, de acordo com a criação bíblica do Homem, a dignidade da pessoa humana passa então a ser considerada uma qualidade inata, o homem é digno porque é criado à imagem e semelhança de Deus.

Deste modo, a filosofia de S. Tomás fundamenta a ideia de que “a pessoa é um fim em si mesmo”. É nesta ontologia e no carácter de substancialidade que se fundamenta a perspetiva de S. Tomás acerca da pessoa, relacionando-o com a noção de dignidade. Assim, na pessoa

---

<sup>52</sup> Francisco «Discurso do santo padre ao parlamento europeu», (França, Estrasburgo, 25 de Novembro de 2014), 3,4 Acedido a 15 de junho de 2020

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html)

<sup>53</sup>Cf. Bernardo Domingues, «Em que consiste a Dignidade da Pessoa Humana». *Humanística e Teologia* 11 (1990): 159, 160. Acedido a 15 de junho de 2020

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/24527/1/Em%20que%20consiste%20a%20dignidade%20da%20pessoa%20humana.PDF>

fundamenta-se uma forma de existência cuja dignidade deriva da sua própria natureza intelectual, a qual distingue a espécie humana. Da mesma forma, em S. Tomás de Aquino encontramos uma distinção entre as noções de indivíduo e pessoa, passando esta a evidenciar aquilo que é distinto na própria natureza humana. A pessoa é una. A noção de unidade individual que, por influência do cristianismo, marca toda a cultura ocidental, deriva da própria ideia de transcendência. A pessoa é una na sua interioridade, por ser criada à imagem de Deus. Também podemos observar que o Catecismo da Igreja Católica incorpora as noções do conceito de dignidade da pessoa humana ao dizer que:

De todas as criaturas visíveis, só o homem é «capaz de conhecer e amar o seu Criador» (216); é a «única criatura sobre a terra que Deus quis por si mesma» (217); só ele é chamado a partilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Com este fim foi criado, e tal é a razão fundamental da sua dignidade:

Qual foi a razão de terdes elevado o homem a tão alta dignidade? Foi certamente o incomparável amor com que Vos contemplastes a Vós mesmo na vossa criatura e Vos enamorastes dela; porque foi por amor que a criastes, foi por amor que lhe destes um ser capaz de apreciar o vosso bem eterno. (218).

Porque é «à imagem de Deus», o indivíduo humano possui a dignidade de *pessoa*: ele não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. E é chamado, pela graça, a uma Aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar.<sup>54</sup>

D. Jorge Bergoglio<sup>55</sup> em relação à dignidade transcendente diz-nos que:

Quando o homem perde o seu fundamento divino, a sua vida e toda a sua existência começam a perder contornos, a diluir-se, a tornar-se ‘intranscendente’. Cai por terra aquilo que o torna único, imprescindível. Tudo o que faz com que a sua dignidade seja algo inviolável perde o seu fundamento. E a partir daí, um homem que se tornou ‘intranscendente’ passa a ser uma peça mais em qualquer quebra-cabeças, mais um peão no xadrez, mais uma entrada em todo o tipo de cadeia de produção, mais um número.

Para o Papa Francisco a vivência de um verdadeiro humanismo tem de estar presente o amor como vínculo entre os homens, uma vez que o ser humano só existe em referência ao seu

---

<sup>54</sup> Catecismo da igreja católica, (Primeira Parte: A profissão de fé; Secção 2, Cap. 1, art. 1.,) 356-357. Acedido a 15 de junho de 2020 [http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)

<sup>55</sup> Jorge Mário Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*. (Lisboa: Paulinas, 2015), 156-157

semelhante e à comunidade, porque ninguém veio de si mesmo nem pode viver para si mesmo, como nem tudo se compra e se vende, numa concepção idolátrica do mercado, sem haver lugar para o gratuito. Além disso, a dignidade humana só se vai entendendo na relação com Deus, numa relação filial que nos abre à esperança num mundo em devir, e à ação de Deus que dá sentido e mostra o fim da história.<sup>56</sup>

Não podemos deixar de falar em dignidade sem referir Emmanuel Kant. Kant diz-nos que tudo tem uma dignidade, as coisas têm um preço, um valor e esse valor só pode ser substituído por algo equivalente. Quando algo está acima de qualquer valor então tem dignidade. Para este filósofo há um “princípio supremo da moralidade”, uma qualidade distintiva do ser humano. Kant defendia que este princípio deve estabelecer um juízo *a priori*, independente de toda e qualquer experiência empírica. Surge daí a concepção de “imperativo categórico” como conceito ético-filosófico. Logo, para Kant, um “imperativo categórico”, é uma lei que comanda e une os seres racionais, independentemente dos seus particulares propósitos.

Segundo Mezzomo<sup>57</sup>, para Kant “a lei moral engrandece infinitamente o meu valor como inteligência, através da minha personalidade, na qual a lei moral descobre uma vida moral independentemente da animalidade”. Assim, o dever de respeito pela dignidade do ser humano não se funda em simpatia por determinada causa ou indivíduo, empatia com determinada situação ou sentimentos de amor, amizade ou solidariedade, situações que estão sempre relacionadas como alguma qualidade específica da pessoa. A dignidade da pessoa humana deriva apenas da racionalidade do ser humano, que é inerente a todos, independentemente de sexo, raça, nacionalidade e qualquer outro qualificador.

---

<sup>56</sup> Bergoglio, Educar, 162-170

<sup>57</sup> Mezzomo, «Dignidade e direitos da pessoa humana».197

### 2.2.1 O conceito de dignidade no Magistério da Igreja

O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida<sup>58</sup> (CNECV), em 1999, apresentou um documento que nos pode orientar na definição de um conceito de dignidade:

O termo Dignidade Humana é o reconhecimento de um valor. É um princípio moral baseado na finalidade do ser humano e não na sua utilização como um meio. Isso quer dizer que a Dignidade Humana estaria baseada na própria natureza da espécie humana a qual inclui, normalmente, manifestações de racionalidade, de liberdade e de finalidade em si [...] exige, da parte de outros, reconhecimento, respeito, liberdade de ação e não instrumentalização da pessoa. [...] Tudo o que somos é devido a outros que se debruçaram sobre nós e nos transmitiram uma língua, uma cultura, uma série de tradições e princípios. [...] Não respeitaríamos a dignidade dos outros se não a respeitássemos no outro.

Este conceito de dignidade está relacionado com o conceito de ser pessoa como um valor primordial, está presente um respeito ontológico e de uma cultura solidária que é estabelecida nesta relação humana onde a bem supremo da vida é sagrado. Esta ideia está reforçada na Carta Encíclica *Evangelium Vitae*<sup>59</sup>. Neste documento, no n.53, o Papa João Paulo II, afirma que:

A vida humana é sagrada, porque, desde a sua origem, supõe "a ação criadora de Deus" e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é senhor da vida, desde o princípio até ao fim: ninguém, em circunstância alguma, pode reivindicar o direito de destruir diretamente um ser humano inocente». Com estas palavras, a Instrução *Donum vitae* expõe o conteúdo central da revelação de Deus sobre a sacralidade e inviolabilidade da vida humana. (...) Deus proclama-Se Senhor absoluto da vida do homem, formado à sua imagem e semelhança (cf. *Gn* 1, 26-28). A vida humana possui, portanto, um carácter sagrado e inviolável, no qual se reflete a própria inviolabilidade do Criador.

---

<sup>58</sup> Comissão nacional de ética para as ciências da vida, «*Documento de Trabalho sobre a Dignidade da Vida*» 10, acedido a de junho de 2020,

<http://bibliobase.sermis.pt:8008/BiblioNET/Upload/PDF16/012478%20CNECV%20reflex%C3%A3o%20%C3%A9tica%2026.CNECV.99.pdf>

<sup>59</sup> João Paulo II «*Carta Encíclica Evangelium Vitae*» (25 de março de 1995), 53, acedido a 15 de junho de 2020 [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html)

O respeito pela vida e pela dignidade da pessoa está também claramente destacado no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*<sup>60</sup>:

A raiz dos direitos do homem, com efeito, há de ser buscada na dignidade que pertence a cada ser humano. Tal dignidade, conatural à vida humana e igual em cada pessoa, se apreende antes de tudo com a razão. O fundamento natural dos direitos mostra-se ainda mais sólido se, à luz sobrenatural, se considerar que a dignidade humana, doada por Deus e depois profundamente ferida pelo pecado, foi assumida e redimida por Jesus Cristo mediante a Sua encarnação, morte e ressurreição.

*A fonte última dos direitos humanos não se situa na mera vontade dos seres humanos, na realidade do Estado, nos poderes públicos, mas no mesmo homem e em Deus seu Criador.* Tais direitos são «universais, invioláveis e inalienáveis». Universais, porque estão presentes em todos os seres humanos, sem exceção alguma de tempo, de lugar e de sujeitos. *Invioláveis*, enquanto «inerentes à pessoa humana e à sua dignidade» e porque «seria vão proclamar os direitos, se simultaneamente não se envidassem todos os esforços a fim de que seja devidamente assegurado o seu respeito por parte de todos, em toda a parte e em relação a quem quer que seja». *Inalienáveis*, enquanto «ninguém pode legitimamente privar destes direitos um seu semelhante, seja ele quem for, porque isso significaria violentar a sua natureza». (N. 153)

O Conselho Pontifício Justiça e Paz alerta-nos para o olhar para o próximo, para a vida do outro e para os meios que a sociedade deve ter para uma vida digna.

Numa perspetiva judaico-cristã, Deus é a origem da vida. Esta é entendida, deste modo, como uma dádiva e como tal, deveremos não só cuidar adequadamente da mesma, como mostrar gratidão por este dom que nos foi concedido de forma completamente gratuita. Neste sentido é essencial que em todo o percurso da lecionação haja uma fundamentação científica baseada em princípios éticos-morais bem solidificados para que os mesmos sejam transmitidos aos alunos.

A ética vigente exige o respeito pela pessoa e pelos seus direitos, garantindo o exercício da liberdade e o reconhecimento básico dos valores da igualdade e o reconhecimento essencial do valor da fraternidade, que excluem quaisquer segregações. No entanto, apesar da consciência

---

<sup>60</sup> Conselho pontifício justiça e paz, «*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*» (Cascais: Editora Principia, 2005). 153, Acedido a 15 de junho de 2020

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_c ompendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_c ompendio-dott-soc_po.html)

universal dos direitos humanos, podemos partilhar com os nossos alunos<sup>61</sup> que o preconceito e a discriminação continuam a gerar ataques à dignidade humana. Muitos grupos minoritários ou “não produtivos” continuam numa condição de desamparo. Ideologias racistas e fanatismos políticos e religiosos continuam a dizimar vidas humanas. Crianças, idosos, pessoas com necessidades especiais e doentes terminais continuam a ser maltratados conforme podemos.

Uma das exigências para a descoberta da própria dignidade é o reconhecimento da dignidade do outro, ele próprio imagem e presença de Deus. É um valor supremo é inalienável. A dignidade é um:

respeito incondicional e absoluto. Um respeito que, como já foi dito, deve-se estender a todos os que o possuem: a todos os seres humanos. Por isso, mesmo que toda a sociedade decidisse por consenso deixar de respeitar a dignidade humana, esta continuaria a ser um valor presente em cada cidadão. Mesmo quando alguns foram relegados a um tratamento indigno, perseguidos, trancados em campos de concentração ou eliminados, o desprezo não mudou em nada o seu valor incomensurável como seres humanos.<sup>62</sup>

A dignidade é vista como um respeito absoluto e expressa-se por uma solidariedade entre todos os seres humanos.

### **2.2.2 A dignidade na UL.1 do 9.º ano de EMRC à luz da parábola do “Bom Samaritano”**

Para esta reflexão, vou fazer a minha abordagem do tema sobre uma história que o programa do 9.º ano nos relembra, uma história paradigmática e que nunca se esgota: a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-35). A UL. 1 apresenta-nos inúmeras situações por onde podemos refletir sobre a dignidade, mas durante a lecionação na PES, ao partilhar a história desta parábola, foi para mim o momento onde a maioria dos alunos participou com mais empenho e onde o debate foi mais estimulante. Através da representação da história, a mensagem tocou-lhes com mais intensidade. Quando sinto que a turma está com receptividade ao que estou a transmitir, é muito gratificante, e são estes momentos que permitem chegar melhor a cada um dos alunos, pois através de uma história cada aluno estava a refletir sobre a sua história e sobre a sua participação como indivíduo na sociedade. Para Gauthier, «Jesus está

---

<sup>61</sup> Manual do 9º ano, “Quero ser!”, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015),

<sup>62</sup> Jorge Mário Bergoglio, Abraham Skorka e Marcelo Figueiroa, «A Dignidade», (S. Paulo, Saraiva Editores, 2014). cap. O autoconhecimento 1,2, Kobo.



presente no homem despojado, espancado, que espera um bom Samaritano. Quem o aliviará?»<sup>63</sup>  
Quem é que lhe irá dar a mão? O que nós fazemos nestas situações?

Jesus, através desta parábola, procura abordar, entre outros temas, o amor autêntico e, conseqüentemente, a responsabilidade pelo irmão, tantas vezes ignorado e votado para segundo plano. Ora, esta história desenrola-se em torno de um indivíduo, vítima de um assalto, designado por «homem meio morto» (Lc. 10,30). Pouco se conhece acerca dele, nem sequer o nome, talvez porque esses dados sejam acessórios. O importante a realçar é que foi vítima de um assalto e agora necessita de auxílio, de alguém que lhe cure as feridas e lhe confira uma nova esperança para a sua vida.

Então, depois de maltratado e deixado ao abandono, passam pelo caminho um sacerdote e, de seguida, um levita. Ambos veem o homem meio morto, mas seguem o seu caminho, atitude que é realizada de modo intencional e voluntário, pois tinham-no visto. Não existe qualquer justificação plausível para tal indiferença e abstenção. Simplesmente viviam absortos no seu egoísmo, isto é, viviam só para si.

Posteriormente, caminha um samaritano pela mesma estrada que, ao invés de olhar e continuar o seu percurso de forma indiferente, vê e escuta o homem meio morto. Efetivamente, a escuta antecede a visão, sendo que, sem ela, não é possível estar atento e cuidar do outro. Assim, o samaritano, ao contrário das duas primeiras personagens, responde: «eis-me aqui. Envia-me» (Is 6,8), o que significa: estou aqui para te servir, meu irmão. Na verdade, enquanto os assaltantes, o levita e o sacerdote apenas respondem segundo as suas escolhas pessoais, o samaritano, por sua vez, insere-se numa lógica de responsabilidade e de alteridade, sendo que «esta responsabilidade bíblica é aquela que o “eu” exerce em “confronto” com outro, enquanto outro, um outro que não escolhi, mas pelo qual fui escolhido»<sup>64</sup>.

Deste modo, todo o cenário descrito levaria a crer que o grande beneficiado seria o homem meio morto, que viu as suas feridas tratadas e um novo horizonte de esperança e de vida que lhe foi aberto. No entanto, o «verdadeiro beneficiado é o samaritano e sou eu, a quem o homem meio morto abriu um horizonte novo, que está para além da necessidade e da espontaneidade: o horizonte da gratuidade e da liberdade para o amor de alteridade, não de eros, mas de ágape»<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> Jacques Gauthier, *Tenho sede, duas vidas um só amor*, (Paulos Editora, Lisboa 2007), 62

<sup>64</sup> António Sílvio Couto, *Como uma Dádiva*, (Caminhos de antropologia bíblica. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005) 278.

<sup>65</sup> Couto, *Como uma Dádiva*, 280.

O manual da disciplina apresenta-nos a mensagem cristã sobre o amor ao próximo. E surge-me esta questão: quem é o meu próximo? Foi esta questão que eu coloquei à turma, quem é o meu próximo? Para definir o conceito de proximidade usei uma analogia com o metro quadrado, dizendo que cada um de nós tem um metro quadrado e tudo aquilo que fizermos nesse metro quadrado irá influenciar o metro quadrado ao lado, à frente, atrás. E através desta analogia os alunos começaram a pensar no que faziam no seu metro quadrado.

As proximidades, as distâncias, fazem parte do nosso quotidiano, ao refletirmos sobre esta parábola também somos confrontados com outra questão, qual dos três homens parece ter sido o próximo daquele homem? O Samaritano não era visto com bons olhos, os judeus desprezavam os samaritanos, os samaritanos não frequentavam o templo de Jerusalém, o Samaritano era considerado um estrangeiro que não fazia parte do grupo. Foi um homem que todos desprezavam que se prontificou para ajudar. Esta situação promoveu na turma um debate sobre o comportamento que alguns tem com as pessoas que gostam menos ou com aqueles que defendem outras causas ou outros ideais. A ideia que fica presente é que o amor não tem limite, não existe limite para fazer o bem independentemente de existirem diferenças sociais ou não. A caridade é sentir misericórdia perante o outro que está a precisar de ajuda, é sentir as dores do outro com o coração.

Este tema da proximidade também foi bastante discutido nas aulas, muitas vezes podemos estar perto de alguém e não estarmos próximos da pessoa, podemos não nos aproximar, para Meneses<sup>66</sup>:

A parábola do Bom Samaritano fala de “certo homem”. Um homem é qualquer homem, mais além de todas as conotações de nacionalidade, de nível social, de ideologia ou de religião. É qualquer homem em necessidade, na miséria, no sofrimento e na dor. O próximo não tem nome, surge como “desconhecido” e como “desvalido”.

A proximidade surge de um movimento desinteressado, “a proximidade é movimento em direção ao Outro, sem preocupação do movimento de volta. O Samaritano foi em direção ao Outro, viu, aproximou-se e acolheu-O, sem se preocupar pelo momento do regresso,

---

<sup>66</sup> Ramiro Délio Borges Menezes, *O Outro e a transcendência: na Parábola do Bom Samaritano*, (Sapientia Vol. LXV, Fasc. 225-226, 2009 Universidad Catolica Argentina UCA), 59, 60, Acedido a 20 de Setembro de 2022, <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/3597/1/outro-transcendencia-parabola-bom-samaritano.pdf>

Se queremos saber quem é o nosso próximo devemos aproximar-nos, só assim verdadeiramente é que estamos próximos de alguém. Este estar próximo é o princípio da caridade, este próximo tanto pode ser aquele que habita connosco ou que vive na mesma rua, ou pode ser um conjunto de desconhecidos que vivem num país distante a quem podemos oferecer ajuda. Só desta forma, “amando o próximo” podemos ter um sentido para a vida. D. Nuno Almeida<sup>67</sup> citando Buber diz-nos que “não somos seres meramente individuais, somos sim seres em relação, há um eu e um tu que se cruzam, o eu é determinado pela presença do outro que está na sua presença como tu.

Para Meneses:

Para amar é preciso amar a Deus - o amor a Deus é princípio e fundamento de todo o autêntico amor ao próximo, mas não é meio para “chegar” a este. O nosso eu só chega à sua plenitude ante o tu de Deus. Mas, para que a dilatadora ponte do amor de Deus alcance a eternidade, tem que ir apoiando-se em sucessivos pilares que são os do amor ao próximo. Quem assim ama, pode dizer: “eu sou contigo naquilo que nos permite ser nós mesmos” em nossa comum natureza de homens e no fundamento transcendente e único das nossas duas pessoas.<sup>68</sup>

Eis como a dignidade do ser humano é um permanente desafio a um compromisso de amor solidário para com todos os despojados da sua dignidade. Neste sentido, atentemos nas palavras do Papa Francisco na *Fratteli Tutti*<sup>69</sup>:

O valor da parábola do bom samaritano: ao amor não lhe interessa se o irmão ferido vem daqui ou dacolá. Com efeito é o amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; amor que nos permite construir uma grande família onde todos nos podemos sentir em casa. [...] Amor que sabe de compaixão e dignidade.<sup>62</sup> Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa mas tempo de encontro. <sup>66</sup> [...] Este encontro misericordioso entre um samaritano e um judeu [...] é capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas, culturais.

No ponto seguinte iremos verificar como o pensamento de Vitor Frankl nos dá pistas para promovermos na disciplina e nos jovens uma vida com sentido. O seu pensamento está

---

<sup>67</sup> D. Nuno Almeida, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã*, (Braga, Paulinas Editora, 2017). 156-157

<sup>68</sup> Meneses, *O Outro e a transcendência*: 67

<sup>69</sup> Francisco, Carta encíclica «Fratelli Tutti», 83, acedida a 21 junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)

ancorado na sua própria experiência de vida. Encontra-se em Frankl alguém que, com assertividade proclama a dignidade inalienável de cada homem.<sup>70</sup>

### **2.2.3. A educação como proposta de uma vida com sentido segundo Viktor Frankl**

Hoje estamos a viver num Mundo de contrassensos. Por um lado, temos países que vivem numa enorme riqueza com acesso a todas as coisas, por outro lado, existem outros que vivem na pobreza onde, por exemplo, a água potável ainda é um bem escasso. Temos uma sociedade cada vez mais individualista e cosmopolita e temos comunidades pequenas onde a internet ainda não é acessível, entre tantos outros contrastes.

De acordo com a carta pastoral da CEP<sup>71</sup>:

A pessoa é um ser complexo, nas suas dimensões física, intelectual, afetiva, estética, social, moral, ética, espiritual e religiosa; por isso, exige-se uma cuidada atenção ao desenvolvimento equilibrado de todas estas vertentes.

Este equilíbrio é, muitas vezes, difícil de atingir, porque, atualmente, cada vez mais as famílias e a sociedade vivem rodeadas de conflitos, guerras, atentados, perseguições, ou então a elevadíssima competitividade cada vez mais imposta numa sociedade consumista, poderão ser muitas vezes fatores que nos tiram a sensação de tranquilidade e de segurança e de desequilíbrio. Situações como o bullying, a violência doméstica e tantos comportamentos antissociais, provocam nas famílias, nas crianças e nos jovens uma enorme desproteção e sensação muitas vezes de insegurança e particularmente os adolescentes, porque a adolescência é uma fase da vida, marcada por uma crise de identidade e de valores. Na adolescência os jovens questionam os valores e para estas questões não há uma única resposta, é importante que o jovem tenha o desejo de ir à procura de um sentido para as questões que coloca.

Muitas vezes os jovens têm preguiça de pensar ou pensam de uma maneira massificada. Para Frankl<sup>72</sup>:

---

<sup>70</sup> Almeida, Busca de Sentido, 107

<sup>71</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, Educação Direito e dever- missão nobre ao serviço de todos, (Lisboa: SGCEP, 2002).9, Acedido a 1 de Maio de 2021.

<https://www.educris.com/v3/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>

<sup>72</sup> Viktor Frankl, *Sede de Sentido*, (Editora Quadrante, S. Paulo 1989) 12

O homem de hoje já não conta com tradições que lhe dizem o que deve fazer [...] Em consequência, acaba por empenhar-se em querer fazer o que os outros fazem e o resultado é o conformismo, a massificação típica da sociedade atual.

Deste modo, uma disciplina como a EMRC poderá ser promotora de um sentido para a vida, pois é sem dúvida um enorme contributo para a missão educativa escolar da formação da pessoa humana em todas as suas dimensões e, no 9.º ano, quando se fala da dignidade da vida e da vocação, percebemos (tal como nos diz Frankl) que «A valorização da vocação humana não é compatível com uma dimensão económica da vida, pois [...] se exigirmos do homem o que ele deve ser, faremos dele o que ele pode ser.»<sup>73</sup>

Devemos ter bem presente aquilo que queremos transmitir aos nossos alunos, mostrá-lhes uma perspetiva mais existencial da vida, fazer com que cada um olhe para a sua história para a sua vida e possa fazer uma análise da sua pessoa. O professor de EMRC tem a tarefa de auxiliar os alunos como guias no encontro desses sentidos particulares para a existência. Assim, a educação servirá à juventude à medida que desenvolva habilidades de autonomia e construção de sentidos mais humanizadores para a sociedade.

Psicólogo e psiquiatra austríaco, Viktor Emil Frankl nasceu a 26 de março de 1905, em Viena, e faleceu a 2 de setembro de 1997, também em Viana.

Ainda muito jovem, começou a interessar-se por psicanálise e iniciou contactos com Sigmund Freud e, entre 1926 e 1927, fez parte do círculo de colaboradores de Alfred Adler. Frankl formou-se em Medicina (1930) e obteve o doutoramento em Filosofia (1949) pela Universidade de Viena, passando a trabalhar na área da Neurologia do Hospital de Viena. (...) Em 1941, casou-se com Tilly Grosser e passados alguns meses tudo mudou. Frankl e a sua família foram para campos de concentração e durante cerca de 3 anos (1942 - 1945) foi prisioneiro em Auschwitz, onde posteriormente perdeu a sua mulher, os seus pais e o seu irmão. Ele refere-se aquela vivência como a “*experimentum crucis*”. Através do seu livro “O Homem em busca de sentido” Frankl relata-nos esta parte da sua vida e começa por descrever as suas teorias sobre o sentido da vida.

A partir de 1952, começou a falar de psicologia, na Rádio Áustria e, em 1955, foi nomeado professor da Universidade de Viena, tendo sido solicitado, por mais de 200 universidades estrangeiras, como professor convidado e conferencista.

---

<sup>73</sup> Frankl, *Sede de Sentido*, 14.

Em 1957, viajou pela primeira vez para os Estados Unidos da América, onde assumiu cadeiras, como professor convidado, em diversas universidades, como Harvard, Stanford, Dallas, entre outras.<sup>74</sup>

Viktor E. Frankl desenvolveu uma doutrina terapêutica que denominou de Logoterapia, segundo a qual o ser humano por necessidade inconsciente de sobrevivência física e mental precisa de dar um sentido à vida. É considerada a «terceira escola vienense de psicoterapia» e centra-se na definição da existência do homem, assim como na busca de sentido por parte do homem. A logoterapia significa redescoberta do *logos*, ou seja, do sentido da vida.

O Homem move-se e é motivado por uma “vontade de sentido”, ou seja, o Homem «“é um ser à busca de sentido”, que quer encontrar para toda a sua existência e para cada situação no interior da mesma, um sentido, e que depois quer realizá-lo».

A vontade de sentido tem o seu fundamento no fenómeno dito “transcendência de si mesmo” (auto-transcendência): o Homem aponta sempre para além de si mesmo e é na medida que se auto-transcende que se auto-realiza.

A auto-realização é vista como «um efeito colateral da plenitude de sentido, da transcendência de si mesmo», e não o efeito primário como em outros princípios, como os definidos por Freud e Adler, que explicam o comportamento humano a partir respetivamente da vontade de prazer e da vontade de poder.

O sentido surge a partir de uma «tensão fecunda entre dois polos: entre aquilo que ele é e aquilo que ele deve ser; necessita sempre da tensão existencial entre o ser e um sentido que ainda está por realizar». Para Frankl, o sentido da vida supõe um dinamismo constante, uma ação consciente direcionada a objetivos de procura de realização, de ideais que determinam as razões da nossa existência. Para Frankl a pessoa pode descobrir este sentido de várias formas, através de um trabalho ou de uma ação, pelo amor a experimentar alguma coisa «como a bondade, a verdade e a beleza» ou a «conhecer o outro ser humano no seu ser único e sem igual e pela atitude que podemos ter perante a um sofrimento inevitável<sup>75</sup>. O sentido da vida é, portanto, uma coisa pessoal.

Frankl defende que cada pessoa tem uma vocação, tem um sentido para a vida, trata-se de algo que vai acontecendo conforme a vida de cada individuo, pois, cada existência humana é única. Deste modo segundo Frankl, viver com sentido implica encarar as situações da vida.

---

<sup>74</sup> [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$viktor-frankl](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$viktor-frankl)

<sup>75</sup> Frankl, O homem em busca de um sentido, 113-114

A partir do seu modo de encarar o sentido da vida surge a Logoterapia, um modo de pensamento, centrado nos objetivos da vida e no como estes contribuem para a felicidade do ser humano. Este tipo de terapêutica procura ajudar o indivíduo que está com um “vazio existencial”, que não encontra um sentido para a vida.

Para Frankl<sup>76</sup> se uma pessoa não encontra o sentido da sua vida, isto é, se falha na tentativa de encontrar um significado para a vida vai ter uma frustração, um vazio interior, este sentimento espalha-se e penetra na sua vida.

A logoterapia denomina esta tensão doseada por noodinâmica. Na ausência de uma resposta à vontade de sentido, surge uma sensação de vazio, denominada, por Frankl, de «vácuo existencial». Perante este, a vontade de prazer, que é um efeito do sentido, e a vontade de poder, que é um meio para a realização do sentido, tornam-se independentes, um fim em si mesmos. No primeiro caso, a sexualidade torna-se deformada, pois deixa de ser efeito e passa a ser causa da motivação (a relação de amor é eliminada). No segundo, o ganhar dinheiro torna-se um fim em si mesmo e não um meio.

O questionar-se acerca de qual é o sentido da vida é um ato especificamente humano e é mais ainda o questionar “se” a vida tem algum sentido – amadurecimento espiritual que evita o conformismo e totalitarismo.

O sentido só pode ser encontrado, mas nunca dado. E só a própria pessoa o pode encontrar, fora dela, numa atitude de auto-transcendência. O sentido de cada uma das situações que vivemos é sempre objetivo, daí que só possamos a partir delas extrai-lo ou captá-lo, nunca o injetar.

O sentido «é aquilo que é preciso fazer em cada situação concreta; e esta possibilidade de sentido é sempre, como a própria situação, única e irrepetível. [...] Ao encontrá-lo, torna-se real de uma vez para sempre. [...] Tudo aquilo que realizamos e criamos fica guardado, conservado no interior do passado.»<sup>77</sup>

E porque o sentido de cada situação é único e irrepetível, só a própria pessoa – também única e irrepetível – o pode captar. Será possível reparar o irreparável? De acordo com D. Nuno

---

<sup>76</sup> Viktor Frankl «The Spiritual Dimension in Existential Analysis and Logotherapy», 162. Acedido a 1 de Maio de 2021,

[http://www.adlerjournals.com/private/JIP/JIP%20v15%20n2/Spiritual Dimension in Existential Analysis--Frankl.pdf](http://www.adlerjournals.com/private/JIP/JIP%20v15%20n2/Spiritual%20Dimension%20in%20Existential%20Analysis--Frankl.pdf)

<sup>77</sup> Frankl, *Sede de Sentido*,12

Almeida<sup>78</sup>, para Frankl, a reconciliação com a vida acontece quando existe busca e ativação do sentido para a existência pessoal e coletiva,

Para que isto se realize há que desenvolver a capacidade pessoal de entrega, de saída de si mesmo e percorrer as vias da auto-transcendência. Trata-se de orientar a vida para algo ou para alguém, vencendo permanentemente a tentação da autossuficiência e de uma existência centrada em si mesma

Frankl determina que consciência pessoal é o órgão do sentido. A consciência, como capacidade que a inteligência humana tem para julgar o valor moral dos próprios atos, quando bem formada gera responsabilidade e permite ao homem encontrar sentido a cada momento da sua vida, negando sempre todo e qualquer tipo de totalitarismo e ou conformismo.

A responsabilidade, sustentada na liberdade da vontade, é a essência íntima da existência humana.

Nos campos de concentração Viktor Frankl foi posto à prova inúmeras vezes se devia ou não se submeter aquela realidade e ele durante todo o tempo esteve muito consciente que o seu sentido de vida era outro e através do seu pensamento ele tinha a capacidade de ter liberdade. Para ele a vida tinha um outro sentido que ultrapassava qualquer dor ou sofrimento.

Para D. Nuno Almeida, nos campos de extermínio, o homem «ao ser destituído da sua individualidade, [...] perdia a sua espontaneidade, isto é, a capacidade de pensar, de agir, de começar algo novo. Tornados supérfluos, os homens perdem a sua dignidade,»<sup>79</sup> no entanto Frankl teve a capacidade de pensar mais além de olhar para a sua existência e avaliar o que realmente era possível fazer perante aquelas condições de vida. Como nos diz D. Nuno Almeida, «O homem, portanto, pode ser definido como possibilidade de libertação: ele sabe desvincular-se daquilo que o determina, mas não é obrigado a fazê-lo porque, se é verdade que tem liberdade para ser livre, é também verdade que tem liberdade para decidir permanecer escravo».<sup>80</sup>

Como professores, na minha opinião, devemos ter bem presente a realidade dos nossos alunos e devemos tentar perceber as questões que cada um dos alunos levanta. No 9.º ano, os jovens têm muitas questões, sofrem muitas mudanças e essas questões apontam muitas vezes para o projeto de vida e para o sentido da vida. Como já referi anteriormente, atualmente muitas pessoas têm melhores condições económicas, conseguem comunicar facilmente, viajar, mas

---

<sup>78</sup> Almeida, Busca de Sentido, 40

<sup>79</sup> Almeida, Busca de Sentido, 40

<sup>80</sup> Almeida, Busca de Sentido, 195.



não tem objetivos para a vida, o que é que os fará mover, quais são as motivações dos jovens? Julgo que a disciplina de EMRC tem este papel fundamental de orientar e apontar um caminho. A descoberta permanente de “um sentido” para a vida é, pois, um fator muito importante para a defesa da dignidade humana a que toda e qualquer pessoa tem direito. As pessoas de um modo geral, particularmente os adolescentes, necessitam de referências claras e seguras para desenvolverem a sua identidade.

A unidade letiva 1 do 9º ano “Dignidade da Vida humana” tem como objetivos o reconhecimento da dignidade e inviolabilidade da vida humana, o valor da vida e a promoção de atitudes promotoras de uma vida mais digna. Apresenta uma proposta concreta onde os jovens são confrontados com várias situações de desvantagem social onde há uma discriminação de vários grupos de pessoas e apresenta uma mensagem cristã muito forte de amor ao próximo.

Nesta unidade letiva, a disciplina de EMRC promove a fraternidade humana como o centro das escolhas morais e alerta os jovens para a responsabilidade de cada um no seu quotidiano alertando-os para as suas atitudes e convidando-os a participar em grupos ou organizações promotoras da vida numa perspetiva de correlacionar esperança e futuro pessoal numa vida cujo sentido cada um irá construir alicerçada numa proposta concreta de realização pessoal.

Para Frankl<sup>81</sup> «a salvação dos homens consegue-se no amor e pelo amor». A sua conceção sobre o sentido da vida pressupõe que sejam os valores éticos os orientadores das ações humanas para a realização de sentido. A transcendência, neste sentido pode ser vista como auto-transcendência, porque é sempre vista como uma realidade exterior ao homem que fundamenta a sua existência enquanto ser humano. Deste modo, no Programa de EMRC verificamos que a Unidade Letiva 1 do 9º ano “Dignidade da vida humana” dos três domínios em que se congregam as metas está nesta unidade letiva bem presente o Domínio da Ética e da Moral, verificando-se que nesta unidade letiva há uma preocupação em transmitir o bem da vida como dádiva de Deus na educação cristã dos adolescentes e de os fazer refletir sobre o seu papel na sociedade promovendo nos jovens o desejo de serem “úteis” ao outro de modo a reconhecerem neles e nos outros a dignidade e inviolabilidade da vida humana.

---

<sup>81</sup> Frankl, *Um homem em busca de sentido*, 50

### **CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA**

De acordo com Moita<sup>82</sup> «a educação surge, sempre, como a preocupação fundamental do mundo (das nações, dos grupos, dos indivíduos) a respeito do seu próprio futuro. Educar a criança e o jovem foi, e, continua a ser, um objetivo prioritário de qualquer sociedade».

Como proposta educativa da pessoa, a EMRC através do seu programa e das atividades propostas pelo professor, colabora no desenvolvimento da personalidade, na formação do carácter, preparando o aluno para um pensamento reflexivo e consciente sobre os valores espirituais, culturais e morais. Neste sentido, nesta disciplina a dimensão religiosa é “trabalhada” com os alunos a partir de uma chave hermenêutica concreta, a chave do catolicismo. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) faz sentido na escola porque educa a dimensão religiosa na vida da pessoa em conjunto com todas as outras dimensões já referidas anteriormente. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica surge da necessidade deste desenvolvimento multidimensional do ser humano.

Quando refletimos sobre as finalidades da disciplina de EMRC e sobre a sua identidade temos que ter bem presente que não se pode confundir a disciplina de EMRC com a catequese, nesta disciplina não se educa para a Fé, nesta disciplina, desenvolve-se no aluno a sensibilidade religiosa e a sua aptidão para perceber a dimensão religiosa da realidade. O reconhecimento da dimensão religiosa presente em cada pessoa e do fenómeno religioso existente no mundo, através das várias religiões ou espiritualidades, é a base da legitimação da disciplina na educação em meio escolar.

Neste sentido que os conteúdos religiosos são importantes, porque permitem uma reflexão crítica e permitem conhecer com mais detalhe uma determinada tradição e uma determinada cultura que se encontra presente na nossa sociedade. Também verificamos que não se pode ignorar questões relacionadas com a linguagem religiosa, é importante cultivar o vocabulário religioso, de modo a incutir no aluno um discurso religioso para que ele entenda a proposta das várias religiões, do mesmo modo também poderá ser cultivado um comportamento religioso, mas tendo sempre presente que esta não é a dimensão da disciplina da Educação Moral Religiosa Católica.

---

<sup>82</sup> Fernando Moita, *A missão do professor de EMRC*, 62.

### 3.1. IDENTIDADE DA DISCIPLINA DE EMRC

A disciplina de EMRC tem um papel fundamental na escola e na nossa sociedade. Para a Conferência Episcopal Portuguesa<sup>83</sup>, a disciplina de EMRC é coerente com o princípio de subsidiariedade que coloca a escola ao serviço da educação pretendida pelos pais. Refere a Conferência Episcopal Portuguesa que “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”.

O objetivo da catequese é claramente a construção da comunidade eclesial e da identidade cristã. Não é esse o objetivo último da EMRC, que tem como objetivo contribuir para a construção da comunidade e da história humanas. Para os alunos que frequentam a disciplina e são cristãos, esta disciplina contribui certamente para o aprofundamento da sua fé.

A disciplina de EMRC presta um valioso contributo na formação da personalidade ao permitir descobrir o projeto divino sobre a pessoa, a vida humana e a sociedade, propondo aos educandos uma interpretação da existência pessoal e do compromisso social a partir dos valores humanizantes do evangelho, um contributo que desenvolve uma sabedoria de vida, que ajuda os alunos a viver uns com os outros. Um outro contributo da disciplina é a compreensão da matriz cultural portuguesa que tem uma clara origem e conotações cristãs.

É afirmado no Diretório geral da Catequese<sup>84</sup>, “entre catequese e EMRC existe uma relação de distinção e complementaridade, tendo ambas uma intencionalidade própria que não deve ser confundida”. O Diretório Geral da Catequese diz-nos que a catequese pretende formar e educar discípulos de Cristo, de modo a promover e intensificar a comunhão com ele. Isso supõe, um ensino orgânico e sistemático da doutrina cristã e o testemunho vivo de uma comunidade à qual o catequizando pertence. Da EMRC diz-nos que esta disciplina se insere na escola, partilhando as suas finalidades, tendo, pois, em vista a formação global do aluno, dando especial atenção à construção da sua identidade e do seu projeto de vida.

O Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, na sua última versão (2014)<sup>85</sup>, baseia-se nesta perspetiva existencial da presença do religioso na escola. Os seus programas foram definidos numa atenta observação e análise das orientações programáticas das outras áreas curriculares. Aos docentes é pedido que criem pontes com as outras disciplinas,

---

<sup>83</sup> Conferência Episcopal portuguesa, «EMRC, um valioso contributo», 13.

<sup>84</sup> Congregação do clero, *Diretório Geral para a Catequese*, (Libreria Editrice Vaticana, 1997)

<sup>85</sup> Sá Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: SNEC, 2014).

nomeadamente na participação em projetos de carácter interdisciplinar, fomentando assim uma educação verdadeiramente integral para os alunos. Neste sentido, estão perfeitamente descritas quais são as áreas transversais e as tecnologias de informação e comunicação que fazem parte desse leque de saberes.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, está inserida nos ensinamentos básico e secundário, desde o 1.º até aos 12.º anos de escolaridade. Esta disciplina destina-se a todos os alunos, independentemente das suas convicções religiosas, pois ela é capaz de ajudar qualquer jovem a formar a sua personalidade, a sua dimensão religiosa e a sua abertura a valores como a justiça, solidariedade, liberdade e paz. Nesta disciplina, os caminhos a percorrer e os conteúdos a tratar devem ser propostos e não impostos é um caminho possível, mas não certamente o único, para fazer uma aprendizagem significativa do fenómeno religioso.

Segundo o programa de EMRC<sup>86</sup>:

O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes. [...] É, pois, necessário que o ensino religioso escolar apareça com uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes.

Para D. Tomás Nunes<sup>87</sup> «seria empobrecedor entender a educação excluindo dela a interpretação e análise do fenómeno religioso, bem como a proposta de uma visão do mundo e da vida humanista e cristã».

### **3.2. FINALIDADE DA DISCIPLINA DE EMRC**

Segundo o Programa de EMRC<sup>88</sup>, para os Bispos portugueses, a EMRC tem como grande finalidade “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida.”

No mundo em que vivemos, onde tudo é tão rápido e instantâneo, torna-se urgente a educação para a interioridade/espiritualidade. Nessa linha a EMRC tem que oferecer espaços, a todos os seus membros, espaços e lugares que permitam o exercício da memória, da calma,

---

<sup>86</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 156

<sup>87</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 156. D. Tomaz da Silva Nunes, Bispo Auxiliar de Lisboa, Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã (2005 – 2010), na «Introdução» ao Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, edição de 2007.

<sup>88</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 4

da interioridade, de modo que cada um se possa encontrar consigo próprio e abrir-se aos outros. As finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa<sup>89</sup> são as seguintes:

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé. Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

Todas estas finalidades para além de desenvolver o sentido religioso, particularmente o cristão, têm em vista também o desenvolvimento global da pessoa humana, a sua realização pessoal, não excluindo o diálogo a partir de saberes adquiridos noutras disciplinas, confrontando-os com os valores cristãos. A Conferência Episcopal Portuguesa refere a respeito da disciplina que “a EMRC tem em vista a formação global do aluno que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”<sup>90</sup> Nas finalidades referidas a dimensão religiosa está presente em várias destas finalidades. Fala-se também no específico cristão, pois esta é a chave de leitura e hermenêutica a partir da qual se reflete e trabalha a dimensão religiosa nesta disciplina.

---

<sup>89</sup> Conferência Episcopal portuguesa, «EMRC, um valioso contributo, 14

<sup>90</sup> Conferência Episcopal portuguesa, «EMRC, um valioso contributo, 14

Da EMRC diz-se que se insere na escola, partilhando as suas finalidades, tendo, pois, em vista a formação global do aluno, dando especial atenção à construção da sua identidade e do seu projeto de vida.

Podemos concluir deste modo que a Educação Moral e Religiosa Católica pretende prestar um contributo para a missão educativa da escola. O mundo e a existência humana podem ser interpretados e construídos a partir do religioso. A pessoa humana também se constrói a partir desta perspetiva, mas isso não é possível se não existir o conhecimento, a capacidade e a competência necessária para fazê-lo.

### **3.3. DESAFIOS PARA A DISCIPLINA DE EMRC**

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) têm uma enorme relevância no currículo nacional. No mesmo sentido, o docente de EMRC, deve possuir também como os outros docentes, formação pedagógica e científica, mas, do mesmo modo, deve também ter uma vida cristã acreditada pela Igreja.

Para Ambrósio<sup>91</sup>, «olhando para a escola é necessário perguntar em que podemos servi-la de modo que ela cumpra a sua missão e nesse serviço também a Igreja cumpra a sua. O modelo preconizado é o modelo de diaconia»

Neste sentido, podemos refletir, qual o lugar do Ensino Religioso? Que desafios se colocam?

Um dos principais desafios, é a distinção entre EMRC e Catequese. O contexto específico em que se situa a Educação Moral e Religiosa Católica distingue-a da catequese, exigindo métodos e caminhos diversos. A Catequese e a EMRC não são atividades em alternativa, mas sim complementares. A distinção entre EMRC e Catequese não parece estar muito clara para os alunos. De acordo com Ambrósio, “Temos mesmo de abandonar um modelo de tendência dogmática, ou catequética, tipo moralizante para dar lugar a uma abordagem 'crítica', hermenêutica, dialogal que se revela igualmente necessária no interior da própria auto compreensão da fé e da ética cristãs.”

Deverá existir uma relação onde a EMRC tem a tarefa de promover o desenvolvimento da dimensão da personalidade religiosa necessária para a construção da pessoa e da história.

---

<sup>91</sup> Juan Ambrósio, «Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica», Fórum de EMRC. Lisboa. Secretariado Nacional da Educação Cristã. (2005)

Como está a ser feita a avaliação da disciplina? Quem são os intervenientes? O professor deve procurar outras alternativas, envolver as outras áreas curriculares. De acordo com Moita:

O professor de EMRC tem de apostar numa relação pedagógica de qualidade porque tudo o que é racional também deve ser relacional. Atitude de atenção//escuta ativa, acolhimento libertador, fazedor de pontes e profeta da alegria e da esperança”. Devemos saber agir em todas as realidades que estamos envolvidos. Todos devemos participar na tutela da disciplina, a comunidade crente, os docentes, os alunos e os seus pais e a própria escola. Um outro desafio é a forma como os horários das turmas são elaborados, a relevância que é atribuída à disciplina pelas diversas realidades escolares, os programas escolares cheios de conteúdos e a sua aplicação e o carácter facultativo da frequência desta disciplina, de onde se depreende que em qualquer ocasião poderão os alunos deixar de a frequentar, pela mais diversa.<sup>92</sup>

### **3.4. PROPOSTA DE ATIVIDADE “APROXIMAR”**

O Papa Francisco<sup>93</sup> coloca uma questão acerca da parábola do Bom Samaritano:

Porque é que o bom samaritano «põe o ferido ao ombro» e se assegura de que recebe o cuidado, a atenção que outros mais doutos na Lei e nas obrigações lhe tinham negado? O bom samaritano põe o próximo ao ombro porque só assim pode considerar-se ele próprio um «próximo», alguém, um ser humano, um filho de Deus.

Tenho vindo a verificar que o espaço e a duração das aulas de EMRC é reduzido para criar momentos que proporcionem dinâmicas que provoquem mais momentos de acolhimento e de partilha entre todos e tendo também em conta o Perfil dos alunos para o século XXI<sup>94</sup>, parece-me que seria interessante a participação dos alunos em ações concretas na escola ou na comunidade. É importante que se promova situações e atividades que ajudem os jovens a estarem “ao serviço do outro” é importante que se possa promover um tempo e espaço que favoreça a criação de laços para se “aproximarem”, partilharem ou conviverem.

Muitas vezes nas rotinas normais da escola, existem, em certos casos algumas dificuldades de relação entre os pares e não são proporcionados momentos para exporem as suas opiniões, dúvidas ou necessidades de um modo mais aberto e por isso parece-me que a

---

<sup>92</sup> Fernando Moita, *A missão do professor de EMRC*, 62.

<sup>93</sup> Jorge Bergoglio, *O verdadeiro poder é servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social* (Braga, Ed. Nascente: 2013), 109.

<sup>94</sup> <http://www.dge.mec.pt/perfil>.

existência de um espaço especial na escola pode ter perfeitamente esse papel de promover nos alunos momentos promotores da dignidade humana, de os levar a reconhecerem-se como seres humanos que aceitam as diferenças respeitando a liberdade do próximo de acordo com o sentido que cada um dá à sua vida.

Para o Papa Francisco:

o professor é quem ama e ensina a difícil tarefa de amar todos os dias, dando o exemplo, mas também ajudando a criar dispositivos, estratégias, práticas que permitam fazer dessa verdade básica uma realidade possível e efetiva. Porque amar é muitíssimo mais do que sentir de vez em quando uma ternura ou uma emoção. É todo um desafio à criatividade! Uma vez mais, trata-se de inverter o raciocínio habitual. Primeiro, trata-se de tornar-se próximo, de dizermos a nós mesmos que o outro é sempre digno do nosso amor. E depois será preciso ver como [...] dar a volta aos defeitos, limitações [...] para poder desenvolver um amor que seja, em concreto, aceitação, reconhecimento, promoção, serviço, dom.<sup>95</sup>

Deste modo, como professor de EMRC, pensei num projeto que envolva os alunos, os professores e a comunidade educativa. Este tipo de ação deve partir de um levantamento de necessidades concretas que sejam de simples execução.

Neste sentido apresento a proposta de um espaço diferenciado na escola que poderá servir de espaço de encontro diário onde os alunos de EMRC e outros possam usufruir de alguns serviços. Este espaço deverá ser orientado por uma equipa de voluntários com diferentes funções de acordo com os interesses e talentos de cada um.

### **3.4.1 Planificação do Espaço “APROXIMAR”**

No início do ano letivo, o espaço “Aproximar” pode ser um espaço de acolhimento e de divulgação da disciplina de EMRC, onde este acolhimento pode ser efetuado com ações concretas para toda a comunidade educativa, por exemplo na divulgação pode haver uma campanha de inscrições, podemos oferecer as pulseiras da disciplina aos outros alunos, posteriormente, após o levantamento de necessidades pode tornar-se num espaço multiusos com áreas de ação distintas.

Alguns jovens podem, por exemplo dar explicações de algumas matérias, outros podem organizar jogos e momentos de lazer outros, porventura, podem ser promotores de elogios e abraços, outros podem organizar ações de formação, teatros, campanhas solidárias, etc.

---

<sup>95</sup> Jorge Mario Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, (Lisboa, Paulinas; 2015) 138.



Pode ser um espaço de escuta e de reflexão, escutar para amar, escutar para dialogar. Também poderá ser um espaço para “auscultar” aqueles que interrogam, as dúvidas, os sofrimentos, alegrias daqueles que se “aproximam” de nós.

Na quadro seguinte apresento uma planificação do espaço «Aproximar»:

<b>Intervenientes</b>	Direção da Escola; Professor de EMRC; Alunos, Família
<b>Local</b>	Sala da Escola; Tenda; Pré-Fabricado; outros locais;
<b>Divulgação</b>	Sítio da Internet; Teams; Comunidade Educativa; Junta de Freguesia; Câmara Municipal.
<b>Ações a desenvolver</b>	Jogos; Apresentações; Folhetos; Prestação de Serviços; Concertos; Teatro, Cinema, Jornal da escola; Página/Blogue para promoção de serviços.
<b>Serviços Prestados</b>	Acolhimento; Apoio ao estudo (Tutorias); Apoio social (Visitas a Lares, Creches); Banco Alimentar; Campanhas solidárias; Cursos de Escrita criativa; Curso de Viola; Curso de Fotografia.
<b>Formas de Avaliação</b>	Formulários de satisfação; Formações para os intervenientes; Avaliação semanal com a equipa. Avaliação nos Conselhos de Turma.

**Quadro 9 – Planificação do Espaço Aproximar**

Para este espaço ter “vida” deverá ser divulgado por toda a comunidade educativa quer nos espaços da escola, quer no exterior, como também nos meios de comunicação social. O “APROXIMAR” pode também ter um espaço online, onde podem surgir trocas de livros, materiais escolares e outras coisas. Pode também ser um espaço de partilha de saberes e experiências (música, teatro, dança, ofícios), No fundo, este serviço pode caminhar por várias frentes conforme as necessidades e o envolvimento de cada um dos membros. Para este espaço funcionar terá de contar com apoios de algumas entidades, como a direção do Agrupamento, a Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, empresas, encarregados de educação, etc.

### 3.4.2 O Espaço “APROXIMAR” e a programa do 9º ano de EMRC

Como este espaço foi pensado a partir dos alunos do 9º ano, faz todo o sentido que o mesmo seja planificado de acordo com o programa da disciplina de EMRC para os alunos do 9º ano, no entanto o mesmo espaço também está pensado para os outros alunos. Podemos verificar no quadro seguinte a planificação anual do espaço «Aproximar»:

Semestres	Exemplos de Atividades	Objetivos do Programa
<b>1º Semestre: Entre Setembro e Fevereiro</b>	Promover <b>dinâmicas de acolhimento</b> para os novos alunos;	Reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais.
	<b>Organizar sessões de esclarecimento com alguns convidados</b> de áreas diferentes; Saúde, religião, Cáritas;	Compreender o valor da vida.
	Participar na <b>Campanha do Banco Alimentar</b> ;	Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social.
	Promover uma <b>feira de Natal</b> com idosos de um lar;	Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.
	<b>Gabinete de Apoio ao Estudo</b> (Convidar os mais velhos a apoiar os mais novos como forma de serem tutores,)	Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.
	<b>Corrida solidária</b> (Angariação de fundos para uma causa);	Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.
	Organizar uma <b>visita de estudo</b> à casa de Saúde do Telhal (testemunho de S. João de Deus);	Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja.
	<b>Cinema/Exposição:</b> Aristides Sousa Mendes;	Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.
	Organizar uma <b>exposição de arte</b> com várias representações de Judaico/Cristãs de Deus;	Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.
	<b>2º Semestre: Entre Março a Junho</b>	<b>Colóquio sobre Profissões</b> (Convidar os Pais); Gabinete de Apoio Vocacional;
<b>Formação</b> sobre o valor do estudo e do trabalho;		Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.
<b>Aproximar Music Fest</b> com o tema do Amor e Felicidade (Concurso de Bandas)		Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.
<b>Arraial de Santos Populares</b> com comunidade educativa e familiares;		Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.
		Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus.
		Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.

Quadro 10 – Planificação das atividades por semestre.

Ao planificar este espaço foi necessário pensar nos diferentes momentos letivos de acordo com o calendário da escola e do Agrupamento. Para determinar as diferentes atividades foi necessário verificar as metas, os objetivos e os conteúdos da disciplina de modo a enriquecer todo o processo educativo. Tratando-se de um espaço pensado para alunos do 9º ano que estão a terminar um ciclo de estudos é importante que o espaço vá ao encontro dos seus interesses para isso foi necessário perceber junto dos alunos que tipo de atividades é que eles mais gostariam de ver na escola. Também foi necessário pensar no tipo de atividades, se são atividades que permitem “tornar próximo” é importante que na planificação se tenha em conta vários momentos promotores de vivências e experiências interpessoais.

Com este espaço pretendo que os alunos se sintam envolvidos em todo o processo de gestão, ou seja, torná-los participativos em todas as fases de implementação, pretendo que os alunos tenham objetivos concretos e que se sintam com desejo de adquirirem novos saberes de modo que evoluam como seres humanos em que as suas vidas sejam vidas com novos horizontes com um novo sentido.

Ao longo do ano deverá fazer-se alguns momentos de avaliação quer semanal quer nos momentos da concretização das atividades. A avaliação deverá ser feita com todos os voluntários onde se irá analisar cada uma das atividades realizadas sempre na perspetiva que cada um dos elementos “traz um tesouro em vasos de barro” (2 Cor 4,7).

## CONCLUSÃO

Ao longo deste percurso académico fui sentindo e confirmando muitas vezes que Deus faz em nós maravilhas. Só posso estar grato por todo este percurso. Estes últimos anos foram anos de grandes provações, vários foram os constrangimentos e a Pandemia veio acrescentar ainda mais, pois dificultou em grande parte todo o processo educativo, porque de um modo repentino o percurso que estava a ser realizado no núcleo de estágio sofreu uma enorme e abrupta interrupção. Mas, estes anos também foram anos de grandes confirmações e de grandes alegrias, tenho muito para agradecer, não só uma nova experiência profissional, como também o dom da vida com mais um elemento na família.

Este trabalho veio consolidar o meu crescimento pessoal não só academicamente como social e profissional. Tem sido uma experiência muito gratificante e muito solitária, solitária, porque tendo uma família numerosa muitas vezes tive de me isolar para poder estudar. Este relatório partiu de uma análise de todo o processo de ensino na PES para uma análise teórica da mesma culminando numa proposta pedagógica simples, promotora de saberes e experiências para os jovens. Posso referir que os objetivos propostos para este estágio foram atingidos apesar de todos os constrangimentos e dificuldades ao longo do percurso.

Uma das principais dificuldades que eu senti logo no início deste percurso foi a minha inexperiência como docente. Eu tinha tido uma curta experiência de lecionação na juventude e ao longo da vida fui desempenhando outras funções ligadas à educação, mas nunca lecionei, então desde logo senti a necessidade de observar e registar muito bem aquilo que os professores me foram transmitindo e também tudo aquilo que a professora cooperante me ia ensinando, mas interiormente eu sabia que não tinha experiência na prática e foi muito bom e ao mesmo tempo muito desafiante iniciar logo a lecionação no início da PES.

Desde o início comecei a adquirir o hábito de planificar e de refletir sobre as aulas e também foi muito importante receber o feedback da professora e da colega de núcleo, mas ao mesmo tempo ia tendo algumas dúvidas e inseguranças as quais tentei ir ultrapassando da melhor forma. Posteriormente no decorrer do estágio e da investigação senti a necessidade de recorrer a vários autores para me guiarem no percurso, foram surgindo também várias questões acerca dos temas que estava a lecionar, nomeadamente acerca do tema da Dignidade da Vida humana a primeira unidade letiva que lecionei.

Neste momento sinto que já estou uma pessoa diferente, durante este processo e devido a diferentes fatores também fui refletindo sobre o sentido da minha vida e até optei por alterar algumas coisas no meu percurso profissional. A vida é mesmo única e primordial e nós devemos

sempre encarar a mesma como um dom enorme que devemos preservar. Julgo que este estudo servirá de alavanca para outros estudos posteriores, haverá muito para refletir e o processo educativo faz parte de uma relação e de uma construção que vamos fazendo quer connosco como profissionais quer com os alunos quer também na análise da escola e do papel da disciplina de EMRC na mesma. De acordo com o programa de EMRC:

Como disciplina que se desenvolve no contexto escolar, promovendo a educação de crianças e adolescentes, numa perspetiva cristã de integralidade da educação, e através do diálogo com as demais áreas de saber presentes na instituição escolar, a Educação Moral e Religiosa Católica, direcionada para o ensino do religioso e da educação ético-moral, interpreta e favorece a significação do facto cultural compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, que se deve orientar por princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade da pessoa humana. A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, está vocacionada para a bem-aventurança que corresponde ao desejo natural de felicidade. Essa vocação humana reveste-se de uma forma pessoal que, para o crente cristão, significa manifestar a imagem de Deus e ser transformado à imagem de Cristo. No entanto, como o amor a Deus é indissociável do amor ao próximo, a felicidade e a realização humana não são possíveis sem a fraternidade, na verdade e no amor. Neste sentido, não só a disciplina deve apresentar a totalidade e exigência da proposta cristã de leitura e ação sobre as realidades humanas, como proporcionar a reflexão e as experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos e às alunas uma participação na vida da escola, no seu processo educativo e na intervenção social (nomeadamente, na sua família e na sua vizinhança) que seja, de acordo com o potencial da sua idade, um contributo eficaz para uma sociedade mais justa, mais bela e mais bondosa.<sup>96</sup>

Sinto que o futuro da disciplina passa por todos nós professores fazermos esta reflexão e este trabalho no terreno, é importante que se sinta a mais-valia que é esta disciplina no ensino das nossas crianças e jovens, não podemos ficar indiferentes. Sinto que este não é um trabalho fácil nos dias que correm e na cultura das nossas escolas, mas é importante educarmos o coração das nossas crianças, não podemos ficar indiferentes nem alimentar a indiferença no seio do sistema educativo.

---

<sup>96</sup> Sá Carvalho et al., *Programa de EMRC*, 163

O Papa Francisco<sup>97</sup> diz-nos que:

Se um homem ou um povo cuida e cultiva a sua dignidade, tudo o que lhe acontece, tudo o que faz e produz, até mesmo tudo o que padece e sofre, tem sentido. Dignidade significa que alguém ou algo tem valor por si próprio. A dignidade de termos um valor absoluto como pessoas foi-nos dada por Deus juntamente com a própria vida e por isso todos temos a tarefa de proteger, cultivar e promover essa mesma dignidade.

É importante fazermos com que cada aluno que está à nossa frente no seu “metro quadrado” possa sentir que vale a pena, vale a pena porque a vida tem sentido, cada um de nós na sua singularidade tem uma dignidade que deve ser preservada.

No contexto educativo, as ideias de Frankl<sup>98</sup> transformam-se de uma logoterapia, para uma logoeducação. A logoterapia é uma proposta de humanização e neste sentido, procurar que o aluno vá encontrando o sentido da sua vida significa ajudá-lo a realizar-se como pessoa, significa ajudá-lo a tornar-se o que deve ser, em última análise, ajudá-lo a ser feliz. O sentido torna-se, assim, o guia da sua existência, de uma existência livre e responsável. Este sentido deverá ser encontrado e assumido pelo próprio aluno, a fim de que possa caminhar livremente em direção à autorrealização. Desta forma, o professor é aquele que ajuda o aluno a construir o seu futuro baseado no sentido da sua vida.

Termino este trabalho com um convite de Adérito Barbosa para os jovens;

É altura, jovem, de mudares o mundo!

«Mais do que os adultos, tu tens outra sabedoria. Tens os olhos limpos de ver. As mãos doces para fazeres festas. O coração grande para amar.» [...] Tu, jovem, trazes contigo o sonho puro, trazes o amor e a vida, trazes a mensagem que faltava, É na tua alma, no teu sorriso cheio de luz, nas tuas brincadeiras e na tua fantasia que está a verdade. E como um pássaro livre que voa, todos nós queremos encontrar o Segredo da Vida e a Fonte da Alegria.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> Jorge Bergoglio, *O verdadeiro poder é servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, (Braga Ed. Nascente: 2013) p. 370

<sup>98</sup> FRANKL, O Homem em Busca de Sentido, p. 104.

<sup>99</sup> Adérito Barbosa, *Jovens com o grupo*, (Lisboa: Ed. Paulinas 1999)

## BIBLIOGRAFIA

### 1-DOCUMENTOS ECLESIAIS

Bento XVI. «Discurso aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas (Roma, 25 de abril de 2009). Acedido a 24 de janeiro de 2020. [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090425\\_insegnanti-religione.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html)

\_\_\_\_\_. «*Caritas in Veritate. Carta Encíclica sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade*». Acedido em 1 de julho de 2020. [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)

*Catecismo da Igreja Católica*. Acedido a 15 de junho de 2020 [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)

Comissão Nacional de Ética para as Ciências da Vida. *Documento de Trabalho sobre a Dignidade da Vida*. Acedido a 20 de junho de 2020. <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/Upload/PDF16/012478%20CNECV%20reflex%C3%A3o%20%C3%A9tica%2026.CNECV.99.pdf>

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Gaudium et Spes*. Acedido a 28 de abril de 2020. [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

Conferência Episcopal Portuguesa. «*Educação Direito e dever- missão nobre ao serviço de todos*». Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa. Acedido a 1 de Maio de 2021. <https://www.educris.com/v3/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>

\_\_\_\_\_. «*Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*». *Pastoral Catequética*. n.º 5. (2006). Acedido a 30 março 2022. <https://www.educris.com/v3/centrorecursos/editora-fsnec/pastoral-catequetica/3143-5-emrc-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade>

Congregação do Clero. *Diretório Geral para a Catequese*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997.

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Acedido a 15 de junho de 2020.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html).

Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*. Acedido a 10 de agosto de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papafrancesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.htm](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.htm).

\_\_\_\_\_. *Discurso do santo padre ao parlamento europeu*. Acedido a 15 de junho de 2020. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html).

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Acedido a 12 de setembro de 2020 [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

\_\_\_\_\_. Carta encíclica «Fratelli Tutti», 83. Acedido a 21 junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica «*Lumen Fidei*». (Paulus Editora, Lisboa: 2013).

João Paulo II. Carta Encíclica «*Evangelium Vitae*».. Acedido a 15 de junho de 2020. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html).

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.

## 2. OUTROS DOCUMENTOS

Agrupamento de Escolas Monte da Lua. *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia 2018-2021*. Sintra: Agrupamento de Escolas Monte da Lua, 2019. Acedido a 20 de dezembro de 2019. <http://www.agml.pt/index.php>.

Direção Geral da Educação (DGE). «Decreto-Lei n.º 54/2018». *Diário da República*, 1.ª série, n.º 129 (6 de julho de 2018). Acedido a 11 de junho de 2020, a partir de [http://dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](http://dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf)



### 3. ESTUDOS E ENSAIOS

Abrantes, Paulo. «O trabalho de projeto e a relação dos alunos com a Matemática». *Adaxe. Revista de Estudos e Experiências Educativas*, 5 (1994): 5. Acedido a 15 de abril de 2020. <https://www.ime.usp.br/~dpdias/2015/Projeto%20-%20Paulo%20Abrantes.pdf>.

Almeida, D. Nuno. *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã. Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. Braga: Paulinas Editora, 2017.

Ambrósio, Juan. *A Existência humana e a dimensão religiosa*. s.ed.

\_\_\_\_\_. *A Experiência Religiosa e as suas Múltiplas Expressões Culturais*. s.ed.

\_\_\_\_\_. «As Religiões na Escola», *Gerações e Valores Estudos*, Revista Portuguesa de Ciência das Religiões, Ano I, n.º 2 (2002): 60, acedido a 20 de junho de 2020. <https://core.ac.uk/download/pdf/233630046.pdf>

\_\_\_\_\_. «Ciência das Religiões», Ano I, n.º 2 (2002): 59-63.

\_\_\_\_\_. «Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica», Fórum de EMRC. Lisboa: SNEC; 2005

\_\_\_\_\_. «Finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares: Programa de EMRC, edição 2014». *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2005): 63-82.

\_\_\_\_\_. «Viver Jesus Cristo Hoje». *Didaskalia*, Ano XXXV (2005): 349-372.

Arends, Richard. «*Aprender a Ensinar*». Lisboa: McGraw-Hill, 2008.

Barbosa, Adérito. «*Jovens com o grupo*». Lisboa: Ed. Paulinas 1999.

Bergoglio, Jorge Mário; Skorka, Abraham; Figueiroa, Marcelo, *A Dignidade*, S. Paulo: Saraiva Editores, 2014. Kobo.

\_\_\_\_\_. «*Educar para uma esperança ativa*». Lisboa: Paulinas, 2015, 138.

\_\_\_\_\_. «*O verdadeiro poder é servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*». Braga: Ed. Nascente, 2013. 370.

Couto, António Sílvio. «*Como uma Dádiva*» 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

Domingues, Bernardo. «*Em que consiste a Dignidade da Pessoa Humana*». *Humanística e Teologia* 11 (1990): 151-170.

Duque, João. «*Ensino religioso na escola*». *Do Clique ao Toque*, Braga. Acedido a 1 de julho de 2020. <http://www.educris.com/v2/emrc/6622-braga-do-clique-ao-toque-reflete-sobre-ensino-religioso-na-escola>

Espevik, Roar, Olav Olsen. «*Um novo modelo para entender o trabalho em equipa a bordo de um navio*». *Int Marit Health* 62:2 (2013): 89-94. acedido a 30 de janeiro de 2019. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23788225/>.

Frankl, Viktor. *Um Homem Em Busca de Sentido*. Lisboa: Lua de Papel, 2019.

\_\_\_\_\_. *Sede de Sentido*. S. Paulo: Editora Quadrante, 1989.

\_\_\_\_\_. «*The Spiritual Dimension in Existential Analysis and Logotherapy*», 162. Acedido a 1 de Maio de 2021

[http://www.adlerjournals.com/\\_private/JIP/JIP%20v15%20n2/Spiritual\\_Dimension\\_in\\_Existential\\_Analysis--Frankl.pdf](http://www.adlerjournals.com/_private/JIP/JIP%20v15%20n2/Spiritual_Dimension_in_Existential_Analysis--Frankl.pdf)

Gauthier Jacques. *Tenho sede, duas vidas um só amor*. Lisboa: Paulos Editora, 2007, 62.

Kant, Immanuel. *Sobre a pedagogia: textos filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 2012.

Meneses, Ramiro, «O Outro e a transcendência: na Parábola do Bom Samaritano» (Sapientia Vol. LXV, Fasc. 225-226, 2009 Universidad Catolica Argentina UCA), 60, Acedido a 20 de Setembro de 2022, <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/3597/1/outro-transcendencia-parabola-bom-samaritano.pdf>

Mezzomo, Augusto. «Dignidade e direitos da pessoa humana». *Revista Bioethikos* 5:2 (2011): 193-200. Acedido a 15 de junho de 2020. <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/85/193-200.pdf>.

Ministério da Educação/Direção Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais EMRC Articulação com o Perfil dos alunos, 9º ano de escolaridade», consultado a 1/10/2019 [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_9a.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_9a.pdf)

Moita, Fernando. «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual». *Pastoral Catequética* 9, n.º 26 (2013): 53-74.

Muller, Gerrit. «Lado humano, trabalho em equipa». G. Muller, *Systems Architecting: A Business perspective*. EUA: CRC Press, 2011.

Nunes, D. Tomaz da Silva. «O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica». *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2015.

Pedrinho, Dimas. «Competência científica e competência educativa do professor de Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral Catequética* 21/22 (2011-2012): 28-30

Sá Carvalho, Cristina «A experiência religiosa dos adolescentes». *Theologica*, 2.<sup>a</sup> Série, 45, (2010): 411-433. cedido em 1 de abril de 2020. DOI <https://doi.org/10.34632/theologica.2010.2051>.

\_\_\_\_\_. «Pedagogia do Serviço: uma perspetiva de planificação e de implementação». *Pastoral Catequética* 14, n.º 41 (2018): 49-130.

\_\_\_\_\_. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular de EMRC». *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2015): 29-62.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Manual do 9.º ano, “Quero ser!”*. Lisboa: 2015.

Santos, D. António Francisco dos. «As metas curriculares de EMRC no contexto da educação cristã». *Pastoral Catequética* 10, n.º 28 (2014): 171-175.

Santos, Dória. *Desenvolvimento Sócio-Moral: Raciocínio dos Adolescentes Sobre o Consumo de Substâncias Ilícitas*. Lisboa: Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2010. Acedido a 20 abril de 2020 [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2493/1/ulfp035822\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2493/1/ulfp035822_tm.pdf)

Simão, Ana Margarida Veiga. «Reforçar o valor regulador, formativo e formador das avaliações das aprendizagens». *Avaliação com Sentido (Santo Tirso, De Facto ed: 2008, 125-151*. Acedido a 28 fevereiro de 2020 [https://www.researchgate.net/profile/Ana-Margarida-Veiga-Simao/publication/307908271\\_Reforcar\\_o\\_valor\\_regulador\\_formativo\\_e\\_formador\\_da\\_avaliacao\\_das\\_aprendizagens/links/58b1d9ada6fdcc6f03f931f7/Reforcar-o-valor-regulador-formativo-e-formador-da-avaliacao-das-aprendizagens.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ana-Margarida-Veiga-Simao/publication/307908271_Reforcar_o_valor_regulador_formativo_e_formador_da_avaliacao_das_aprendizagens/links/58b1d9ada6fdcc6f03f931f7/Reforcar-o-valor-regulador-formativo-e-formador-da-avaliacao-das-aprendizagens.pdf)

Urbano, Elisa. «A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica: Redescobrir o sentido da obediência». *Pastoral Catequética* 8, n.º 23 (2012): 117-124.

Veríssimo, Ramiro. «Desenvolvimento Psicossocial (Eric Erikson)». *Psicologia Geral*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002. Acedido a 30 de maio de 2020 <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>.